

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

CONTOS E POEMAS SOBRE O FUTURO

Vol. VIII

SELO CONEXÃO LITERATURA



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-68988-3
2025
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

PASSAGEM DO TEMPO, POR ALÉCIA DE ARAÚJO, PÁG. 05
A ÚLTIMA POESIA?, POR CELSO RUBENS, PÁG. 08
O ÚLTIMO CANTO DOS PÁSSAROS DE PLÁSTICO, POR CLAISON MALDONADO DAS NEVES, PÁG. 11
MORTE NO TERCEIRO MILÊNIO, POR EDUARDO DE CHIARO, PÁG. 15
COMPACTO E DESCOMPOSTO, POR FERNANDA ELENA TENÓRIO ALTVATER, PÁG. 22
A VIDA, COMO ELA SERÁ?, POR JAFF SILVA, PÁG. 25
O JULGAMENTO DOS TRÊS EUS, POR JC RODDSIL, PÁG. 27
A JOVEM DA FLAUTA (EPISÓDIO VII DE VIAJANTE DAS ESTRELAS - A ARCA), POR JOÃO FRANCISCO DE PAULA GOMES, PÁG. 32
CRÔNICAS DE 20XX: A INFALÍVEL CÂMARA DE AUTODESCONTAMINAÇÃO, POR L. B. HOFFMANN, PÁG. 38
SONHOS DO AMANHÃ, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 44
QUANDO A PORTA FECHA, POR MEETABEL ANDRADE SILVA, PÁG. 46
A RAÇA ANTIGA, POR RAPHAEL SANTOS OLIVEIRA, PÁG. 49
À PROCURA DA INTELIGÊNCIA (PARTE I), POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 53
À PROCURA DA INTELIGÊNCIA (PARTE II), POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 58
À PROCURA DA INTELIGÊNCIA (PARTE III), POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 64
À PROCURA DA INTELIGÊNCIA (PARTE IV), POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 71
ENTÃO VAMOS, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 76
FUTURO DO FUTURO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 78
MÃE E FILHA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 81
POR FAZER ACONTECER, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 83
A DÉCIMA PRAGA, POR SHEILA SACKS, PÁG. 85
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 90

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

CONTOS
E POEMAS
SOBRE O
FUTURO

Vol. VIII

SELO CONEXÃO LITERATURA



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

PASSAGEM DO TEMPO **POR ALÉCIA DE ARAÚJO**

Alécia de Araújo é graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB, natural de Alagoinhas/Ba. Dedicar-se a explorar o universo da poesia e das narrativas que exaltam o amor em suas múltiplas formas e manifestações. Sua sensibilidade literária e olhar atento para as emoções humanas refletem-se em sua escrita, marcada pela delicadeza, profundidade e pela busca constante de expressar sentimentos que atravessam o tempo e tocam a alma.

O tempo nos revela grandes coisas.
Podemos confiar e esperar.
Certeza do agora, não teremos,
Somente confiar e esperar.

Daqui a pouco, o que será?
Ficar na ilusão, também não dá!
Se tens alguma pretensão, que seja agora, já!

Pois o tempo urge, o futuro é incerto.
Façamos escolhas conscientes.
Que cada momento seja valorizado,
E assim, vivamos intensamente.

O amanhã é uma promessa, não uma garantia,
Para abraçar cada oportunidade, que a vida nos oferece.
Aprender com o passado,
Na construção do futuro,
De um futuro melhor;
E mais dinâmico.

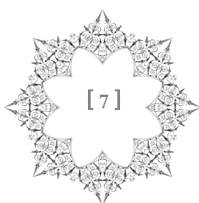
O tempo é breve, passageiro.
E nos força a sermos mais rápidos,
E nos desafia a sermos mais eficientes.
E nos exige adaptações constantes.

A passagem do tempo
Nos lembra que a vida é passageira.
E nos impulsiona a realizar sonhos,
Nos mostrando que cada segundo conta.

Então, vamos acreditar.
Fazer mudanças e vivenciar
cada momento da nossa vida
de forma mais preferida.

Abraçar o presente,
Aprender com o passado.
E cultivar a gratidão pelo que temos e somos.

Reconhecer e transformar nossa perspectiva sobre a vida.
Construir um futuro mais positivo,
Viver com plenitude,
E encontrar a alegria nas coisas simples da vida.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A ÚLTIMA POESIA?
POR CELSO RUBENS

Médico há 60 anos, sempre gostou de Poesia e de Literatura.
Começou a coletar e escrever Poemas, com 81 anos.
Tem centenas de poemas curtos, guardados, sobre diversos temas.
Nunca publicou.

Quando a Natureza morrer...
O dia, a noite e as madrugadas,
os luares, as chuvas e os ventos
continuarão a existir!

Mas ninguém poderá vê-los...
os olhos serão defuntos!

Morrerão a história,
os contos, os poemas,
as fadas e as sereias.

Nada sobrará de sonhos
ou de esperanças...

Ninguém ouvirá
o canto dos pássaros,
por falta de ouvidos de ouvir
e de pássaros a cantar.

A poesia estaria morta;
reinará apenas o silêncio,
interrompido pelo murmúrio dos regatos
pelosuspiro dos ventos, entre as pedras,
ou pelo chiar de algum vulcão semi-extinto.

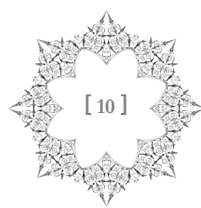
Eu, nós, vós,
e todos os "eles" e "elas",
desexistiremos — ou desistiremos da existência?

Mas, se não — e por acaso
teimarmos nesse existir,

seremos os lúgubres fantasmas assombrados
a habitar esse Novo Mundo Apocalíptico!

Há Poesia
nisso???

Ou será esta,
afinal,
a Última Poesia?





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

**O ÚLTIMO CANTO DOS
PÁSSAROS DE PLÁSTICO**
POR CLAISON MALDONADO DAS NEVES

Claison nasceu em Ribeirão Preto e vive em Sertãozinho, onde ensina matemática e cultiva palavras como quem decifra constelações. Escritor amador, vê na literatura um refúgio onde o tempo dobra e o futuro se revela em versos e ideias. Seus textos transitam entre o lógico e o lírico, buscando sentido nas entrelinhas da existência. Acredita que ensinar é também narrar, e que cada equação pode esconder um poema.

O sol nascia sobre São Paulo, ou o que restava dela. Kael despertou com o som estridente do biochip em seu crânio, marcando o início de mais um dia no Setor 9-B. Seus olhos amarelados pela poluição piscaram diante da luz avermelhada que filtrou pela janela à prova de radiação. O termômetro da parede marcava 48°C — um dia ameno para os padrões de 2097.

"Temperatura: 48°C. Qualidade do ar: Letal. Jornada de trabalho: 12 horas", anunciou a voz robótica do apartamento-automato. Kael vestiu seu traje de bioproteção com movimentos mecânicos, tão habituais quanto a tosse seca que o acompanhava todas as manhãs. O material sintético cheirava a mofo e desinfetante, um odor que nunca saía completamente.

No espelho embaçado, seu reflexo mostrava os traços típicos da Geração Pós-Colapso: pele marcada por cicatrizes de chuva ácida, olhos amarelados e o implante neural atrás da orelha direita, que pulsava em sincronia com a Rede Corporativa. Kael tocou o dispositivo com dedos trêmulos, sentindo o zumbido familiar que anunciava mais um dia de servidão.

No caminho para a fábrica de oxigênio sintético, Kael permitiu-se seu único ato diário de rebeldia: um desvio pelo antigo Parque Ibirapuera. O que antes fora um espaço verde agora se assemelhava a um cemitério de árvores petrificadas, seus troncos negros e retorcidos como dedos ossudos apontando para o céu envenenado.

Era lá que os "Colecionadores de Lembranças" se reuniam - um punhado de idosos que ainda guardavam memórias do mundo antes do colapso. Dona Isaura, de 93 anos, acenou para Kael com mãos enrugadas.

"Você sabia que os pássaros cantavam de verdade?", sussurrou ela, mostrando seu tesouro mais precioso: um pen-drive enferrujado contendo gravações de sabiás. O zumbido de um drone de vigilância fez com que os idosos se dispersassem como folhas secas ao vento. Kael escondeu o pen-drive no bolso interno do traje, onde os scanners corporativos não alcançavam.

Na linha de produção 7 da BioAr Corporação, Kael supervisionava a fabricação de pulmões artificiais. O holograma do Director-345 materializou-se diante dele, sua imagem obesa e distorcida flutuando no ar viciado.

"Produção abaixo do esperado, Kael-89", rosnou a voz metálica. "Lembre-se: pulmões eficientes significam trabalhadores eficientes."

Ao seu lado, Lina — sua única colega de cápsula — tossiu sangue no filtro de ar. Seus olhos vermelhos encontraram os de Kael num silêncio eloquente. Eles sabiam que ela não duraria mais um mês naquelas condições.

Durante o "almoço" — um comprimido nutritivo sabor "frango" que sabia a poeira - Kael encontrou algo extraordinário no lixo tóxico: um livro infantil real, de páginas físicas. As folhas amareladas mostravam desenhos coloridos de um mundo que já não existia, com criaturas chamadas "borboletas" e "abelhas". Uma nota rabiscada dizia: "Para quem ainda se lembra do sol. Resistam."

Seu coração acelerou. Livros físicos eram ilegais desde o Grande Incêndio das Bibliotecas em 2045. Kael escondeu o tesouro entre as dobras de seu traje, sentindo o peso da descoberta como um segredo perigoso.

Naquela noite, seguindo coordenadas escondidas no livro, Kael aventurou-se pelos esgotos abandonados. Lá, no subterrâneo da cidade moribunda, encontrou os "Fantasmas Verdes" - crianças nascidas após o colapso, com mutações que lhes permitiam respirar o ar tóxico sem proteção.

"Nós lembramos", disse Gaia, a líder deles, uma menina de olhos totalmente negros que refletiam a fraca luz das lâmpadas de emergência. "Você vai nos ajudar a trazer o mundo de volta?"

Ela mostrou a Kael seu segredo mais precioso: um broto de ipê-amarelo crescendo numa cápsula de laboratório roubada. A primeira planta viva que Kael via em toda sua existência. Seus dedos trêmulos tocaram as folhas tenras, sentindo pela primeira vez a textura da vida real, não sintética.

Quando retornou ao seu cubículo, o biochip neural disparou um alarme vermelho. Director-345 materializou-se em holograma, sua voz cortante ecoando no espaço minúsculo: "Comportamento desviante detectado. Preparando realocação para Campos de Reeducação 3."

Sem pensar, Kael enfiou os dedos sob a pele atrás da orelha e arrancou o implante neural. A dor foi tão intensa que seu mundo ficou branco por um instante. Sangue quente

escorreu por seu pescoço, mas ele sorriu através da agonia — pela primeira vez em anos, sua mente estava silenciosa.

De volta aos esgotos, com os Fantasmas Verdes, Kael gravou uma mensagem final no antigo pen-drive de Dona Isaura: "Se alguém encontrar isso, saiba que em 12 de setembro de 2097, ainda havia vida na Zona 9-B. Plante isto onde o sol ainda conseguir bater."

Ele envolveu o broto de ipê numa página do livro infantil — um desenho de céu azul e nuvens brancas — e o colocou dentro de um drone de entrega que Gaia reprogramara. A pequena máquina zumbiu ao partir, desaparecendo na névoa tóxica em direção ao que fora outrora a Amazônia.

Quando os soldados da Corporação invadiram os esgotos, encontraram Kael sentado contra a parede úmida, segurando as gravações de pássaros. Seu rosto estava pálido pela perda de sangue, mas seus olhos brilhavam com uma luz que há muito se extinguiu na maioria dos humanos.

"Vocês ouviram?", ele sorriu, sangue escorrendo pela orelha mutilada. "O sabiá está cantando."

O disparo de plasma silenciou para sempre sua voz. Mas em algum lugar além da névoa, um drone caía sobre terra morta, e dentro dele, um broto pulsava com a promessa esquecida da primavera.

Epílogo: 100 Anos Depois

O drone foi encontrado por uma comunidade de sobreviventes que resistira nos subterrâneos. Hoje, onde ele caiu, ergue-se a primeira árvore da Nova Floresta. Seus frutos alimentam gerações que nunca conheceram o sabor artificial dos comprimidos nutritivos.

E quando o vento passa entre suas folhas, o som que produz é quase, quase como o canto de um pássaro.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

MORTE NO TERCEIRO MILÊNIO

POR EDUARDO DE CHIARO

Eduardo De Chiaro Ribeiro Rodrigues é um estudante de Jornalismo interessado em literatura e pautas culturais. No início de 2024, se apaixona por literatura após ler "Mensagem" (Fernando Pessoa), e consegue ao longo do ano aparecer em duas antologias poéticas. No ano seguinte, participa novamente de três antologias. Agora, procura oportunidade de se expressar em prosa.

Dia 10 de janeiro de 3000, testamento

Eu vivi o milênio de 2000. Eu sei como ele é, eu conheço os seus segredos — do primeiro ao último dia — os ouvi no meu ouvido. Neste momento, estou no meu leito de morte. Tenho uma moléstia incurável. Há um cronômetro que me diz exatamente que hora, em que minuto, em que segundo, e em que milissegundo eu estou para expirar. A enfermeira me perguntou se eu não tinha algo para me distrair, algo que me desse prazer, nos meus últimos momentos de vida. Se não, talvez eu tivesse algo útil, um trabalho por finalizar. Eu rejeito, nesses meus últimos suspiros, esse viver com que a mente afastou os dois mundos. Irei morrer inutilmente, escrevendo algo que me deixe magoado, e espero sumir descansado e com um sorriso no rosto.

Pouco tempo depois dos japoneses inventarem a *vacina*, na década de 30, a maioria da população dos países desenvolvidos já havia se apoderado dela. Eu também, com os meus dezoito anos, tive essa experiência. Mesmo assim, sou um dos poucos restantes dessa geração: sobrevivi à epidemia da centena de 2300, e fiz parte da *anti-ideologia*, que inaugurou a *Idade do Ego*, em 2500. Não sei se começo ou paro de contar a minha vida a partir desse ano. A política, ou melhor, a sociedade a partir daí, tornou-se muito diferente. É um exagero dizer que tudo mudou de uma hora para a outra, o que mudou na centena de 500 foi a aceitação sistemática da nova mentalidade do homem contemporâneo. Sei que todos que estiverem lendo isso já sabem disso, aprenderam na escola, na universidade, nos filmes e podcasts, mas permitam que eu retome esse assunto.

A sociedade naquela época, em termos de estrutura, era parecida com a nossa. Era dividida em classes, em trabalhos, em regiões, em etnias, e nas extintas “culturas” e “religiões”. Dependendo do que as pessoas fossem, o que o ambiente familiar influenciasse, o que as relações profissionais apontassem, o que o assunto do momento pautasse, elas iam formando as suas opiniões. A grande diferença, é que naqueles tempos, todo mundo se persuadia que estava *certo*, isso é, que havia bondade objetivamente falando, e que calhava de eles defenderem essa bondade. Para resumir, havia dois lados políticos — a esquerda e a direita. Minha mãe, que era professora universitária, apoiava a esquerda porque ela priorizava as pautas populares na área dela, e porque a esquerda apoiava maior financiamento às instituições de ensino. Isso se estendia para tudo o que esse lado político argumentasse, mesmo o que fosse mais desconexo com

a universidade — apoiava o aborto, era contra a menoridade penal, era contra Israel, não gostava de privatização. Meu pai, por outro lado, tinha uma pequena empresa, e ele era de direita, contra o aborto, a favor de Israel, a favor da redução da maioridade penal, gostava de privatização, como todos os irmãos e a maioria dos amigos. Tudo o que um lado falava o outro lado discordava, e a sociedade vivia nessa divisão essencial de tendências, apesar de que acreditavam que a democracia seria sobre o entendimento de ambas as partes. Vez ou outra, um lado ou outro acusava o outro de ir contra a democracia com pretexto de eliminá-lo, e todos acreditavam piamente que, por alguma lógica divina, certamente resquício da barbárie medieval, do idealismo romântico, *eles* estavam completamente cobertos de razão em tudo e *aqueles* eram ou burros ou maus, errados em tudo. Mas havia também um terceiro grupo — o dos *céticos*.

Os *céticos* daquela época não eram iguais aos céticos de hoje em dia. A concepção da palavra é diferente. Hoje, o que conhecemos historicamente como ceticismo vêm do Manifesto de 2500. Ainda é difícil de explicar, mas basicamente, mesmo com direitos civis, eles diziam “não gostar”, da política, ou “não entender”, e por aí vai. Mesmo assim, acabavam votando ou na esquerda ou na direita, e não pensavam em subverter o sistema. Os céticos daquela época pareciam flutuar no que concordavam sem parar em lugar nenhum. Para uns diziam que eram a favor do aborto, para outros diziam que “de certo modo, eram contra”, mas nunca paravam para delimitar até que ponto eram a favor e até onde eram contra, e pareciam usar essas tópicas mais para manter uma conversa que para *discutir*. Sim, claro! Porque na época existia essa coisa chamada *discussão*, ou melhor, *argumentação*, que viria a dar lugar ao que hoje é a *racionalização* e a *sátira*.

Enfim, havia toda essa confusão porque alguém decidiu inventar, em algum ponto da história, que existia na política um *compromisso social*. No poder, é claro, um lado só queria manter a sua hegemonia e beneficiava a sua base enquanto atacava a outra, só que, por algum malabarismo incompreensível, diziam sempre que todas as ações iriam acabar beneficiando todo o país, ou toda a sociedade, o que sabemos que é impossível. A esquerda beneficiava a classe dos educadores, mas dificultava a livre iniciativa. Ao invés de dizer: “que os empresários votem na direita!”, justificavam falando da igualdade. A direita sempre tirava dinheiro da educação, mas ao invés de dizer “Que os professores votem na esquerda!”, diziam que eles iriam ajeitar a economia, e que um país rico iria poder investir na educação melhor. Eu creio verdadeiramente que algumas pessoas realmente acreditavam no que estavam falando, os tempos eram outros.

Demoraríamos provavelmente mais dois mil anos para sair dessa situação incômoda, se não fosse o inesperado aumento da expectativa de vida. Esse fenômeno deu lugar à *epidemia de suicídio da centena 300*. Os não-céticos estavam cansados de viver, descobriram que a vida não era “romântica”, foram se decepcionando com o que acreditavam, traição atrás de traição, desilusão atrás de desilusão. Era preciso que os humanos vivessem o suficiente para ver o quanto a mente conseguia enganá-los. Alguns viraram “barões” e ficaram céticos, outros não resistiram e pediram eutanásia. Nós, que já éramos céticos para início de conversa, decidimos nos aproximar dos cargos públicos, não porque acreditávamos em algo, mas por que a nossa experiência em matéria de vida era um bom currículo, e por que queríamos girar a sociedade *para o nosso sentido...* Assim se passaram 200 anos, e cada vez era mais estúpido acreditar em alguma coisa senão em si mesmo, cada vez menos as pessoas tinham opiniões concretas sobre as coisas, e a sociedade maturava para a *Idade do Ego*.

Era o ano de 2500. A sociedade já havia se tornado um grande jogo de xadrez, como é hoje, como sempre foi, como sempre será, mas as pessoas não se enganavam mais com discursos inflamados, *posts* sensíveis, rótulos coloridos. Nesse ano, já estávamos de acordo com o *Manifesto do Ego Confesso*. Esse Manifesto foi publicado em Washington, no ano de 2495. Todos sabem o conteúdo desse livro, que é praticamente a nossa segunda constituição. Nele, W. P. Davis define a classe como “um grupo de pessoas que lucraria ou teria prejuízo pelo mesmo acontecimento ou decisão pública/privada, e desempenham uma função semelhante”, superando o que entendíamos até então como classe. Depois, apresenta os *Cinco Pontos do Futuro*:

- 1 – A sociedade é feita de pessoas que discordam e tem interesses pessoais diferentes, ela é fluida. Ninguém está errado em acreditar em algo simplesmente porque beneficia ele, mesmo que isso prejudique a sociedade. Devemos ter paixões sem amar, prontos para descartá-las;
- 2 – O fingimento dos nossos políticos nos atrapalha em saber se a nossa classe será ou não beneficiada. As ideologias são um sistema ultrapassado, a nova humanidade é racional;
- 3 – Um país nunca será beneficiado por uma ação, somente classes específicas de um país. O nacionalismo é um resquício do idealismo

romântico, que nós repudiamos porque é illogicamente concreto. Ele deve acabar, a lógica está no ego;

4 – As classes de um lugar e de outro tem interesses diferentes, o marxismo é retrogrado e idealista, deve ter o mesmo fim do nacionalismo;

5 – O único fim do “contrato social” deve ser evitar dores físicas provenientes de combates materiais. A constituição deve permitir que as classes se oponham democraticamente, mas sem enganar umas às outras, aplicando o conceito de *Ego Confesso*.

(...)

O Ego Confesso é o assassinato do amor, que é irracional e concreto. Significa confessar que vota por interesse próprio, que pensa por interesse próprio, que trabalha por interesse próprio, que trai por interesse próprio. Significa abandonar as fantasias, aceitar a realidade objetiva das disputas de interesses, deixar do bem comum apenas o esqueleto (a estrutura). Por outro lado, o Ego Confesso depende de um sistema democrático, porque ele é acima de tudo o *Egoísmo Coletivo*. A ditadura é o *Egoísmo Individual*, e embora qualquer um deva querer ser ditador, ninguém deve poder conseguir, porque essa pessoa não é eu.

A popularidade repentina da *anti-ideologia* demorou só cinco anos para tomar todos os países desenvolvidos. A sociedade já acreditava no que W. P. Davis lançava ao mundo, a diferença é que toda gente estava ocupada pensando na própria vida. Ninguém levava a sério as discussões ideológicas, a não ser algumas das pessoas mais novas e de classes sociais baixas. É provável, por outro lado, que sem a comunidade científica, ignorássemos completamente o manifesto. Não é que nós não concordaríamos, mas tínhamos, sem saber conscientemente disso, as mesmas críticas que as pessoas têm hoje dessa *revolução*: que o movimento *anti-ideológico* foi, até sua dominação do sistema, praticamente uma *ideologia*. Quando ouvíamos os *podcasters* falando que deveríamos “Matar o amor”, “Reduzir ao esqueleto”, “Rasgar as bandeiras”, tudo isso soava estúpido, romântico e idealista. Curiosamente vinha também de pessoas novas: eram os idealistas mais românticos e os céticos mais idealistas... Enquanto isso, a comunidade científica vinha redescobrimo o positivismo, e revitalizando as suas posições como base para o *Ego*

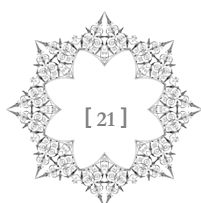
Confesso. Nós, os mais velhos, mais numerosos, ouvíamos os podcasts científicos como se estivéssemos novamente no comitê da juventude comunista, ou na “carreata do mito”. Sim, admito, tudo parecia estar mudando, e contanto que outras pessoas tornassem o trabalho fácil, nós aceitaríamos sem problemas essa novidade, da poltrona em que as nossas panças se encaixavam.

2500 foi o ano. Na época, achávamos engraçado o fato de as constelações terem se alinhado exatamente para uma mudança tão decisiva. Hoje, comentários como esse não merecem ser feitos. Mas o fato é que foi no ano dos zeros redondos, a vitória nas eleições americanas, e posteriormente, a vitória nas eleições de qualquer país. Inicialmente, o próprio W. P. Davis tentou se candidatar, mas como parecia forçado e ideológico, ninguém votou nele. Ora, culto de personalidade, *populismo*, nós dizíamos, é coisa atrasada! Mas então um cientista que eu não lembro o nome se candidatou, e o seu discurso foi exatamente o que vêm descrito no Manifesto:

Ao se candidatar para um cargo público, o candidato deve ser um homem sem ideologia política alguma. Ele deve poder dizer algo em um ano que não diria ano passado, que não dirá no próximo, e que ninguém espera que passe do seu mandato. Ele deve chegar no palanque e dizer o seguinte: “Eu irei apoiar a classe dos X, a classe dos Y, a classe dos Z. Para eles eu farei X coisa, Y coisa, Z coisa. Eu irei atacar a classe dos X^2 , a classe dos Y^2 , a classe dos Z^2 , e deles eu tirarei X^2 benefício, revocarei Y^2 direito etc.” O candidato deve ter uma lista de classes suficientemente grande para que, imagina ele, tenha a maior porcentagem dos votos. A partir daí, os cidadãos votarão nos que lhe beneficiarem mais, pessoalmente.

E assim se faz a política e a sociedade há 500 anos, e não consigo acreditar que por tanto tempo, as coisas eram diferentes. Sei que irei falecer nesse momento, e a morte ri de mim por eu tentar enganá-la. Somente nesse momento, em que tudo é tão confuso, que tenho alguma *saudade* — essa palavra estéril dos sentimentos que um dia teve, do amor, da irracionalidade, de presságio. Tenho saudade de estar certo, tenho saudade de amar, tenho saudade de odiar, quero lembrar a me enganar, e a fingir enganar os outros. Ah, Parthenope, onde estás, que não te vejo! Eu quero seguir o teu caminho, quero imitar as paixões que me sumiram. Paixões que eu abandonei, oh minha cama vazia, cobertas

jogadas no chão! Um calafrio me para. Porque não sonhei demais, vejo a morte nos minutos que me caem das mãos. Quero pedir a alguém, direi ao Destino, que a criança que nasça no momento em que eu morra, possa dormir doce, com um sorriso na boca. Eu estarei amargo na minha poltrona — já morri há muito tempo. Apodreço, com o desgosto no rosto.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

COMPACTO E DESCOMPOSTO

POR FERNANDA ELENA TENÓRIO ALTVATER

Licenciada em Filosofia pela UEM (Universidade Estadual de Maringá) e mestra em Filosofia pela mesma instituição. Lecionou na rede pública de ensino do Estado do Paraná e atualmente é professora do IFPR (Instituto Federal do Paraná) - campus Jacarezinho.

Olhou a amoreira, mais uma vez... Tronco forte, limpo, de fácil observação; o punhado de folhas verde-escuro serrilhava o caminho percorrido pelos passos... Num enterro as pisadas são lentas, pesadas, solenes. Meio sem querer o cortejo macerava mato, amora e morte... Um composto peculiar de cheiro característico. E aquele senhor, que caminhava ainda mais lento que todos os demais, deixava-se ficar para trás: mas, não era atraso, era a tensão própria do tempo! Ora, como conceber aquele “*sepultamento sustentável*”? Sem madeira no caixão, sem o terço entre os dedos, sem cuidado algum! Era como se quisessem curar o corpo do bisneto, curar, assim mesmo: valendo-se da prática antiga e já há tempos desconhecida de deixar as carnes nuas ao sol.

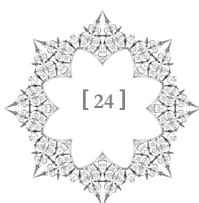
Pleno desrespeito - despercebido pelos outros que ali estavam. Agindo como se a natureza, envolta no frescor daquela tarde, pudesse amenizar o pecado cometido: o menino não tinha um caixão digno, seu cadáver não fora cuidado e agora lá estava; pronto para ser atirado ao chão junto com aquela mortalha de algodão cru, feito um arremedo sacrílego do santo sudário. E a indignação que sentia, também misturava uma série de elementos opostos, não era possível a “*compostagem*” deles. Sentia raiva, uma espécie de vertigem diante da imagem que o sol ajudava a clarear; seu desejo era cobrir a nudez translúcida da criança, avisando-os de que ela precisava ser vestida!

Estava triste e gostaria de poder sentir somente a tristeza, apenas baixar a cabeça e rezar desafiando as contas do terço que havia trazido consigo... Nem isso conseguira, porque o corpo nu o envergonhava vergando-lhe a postura e emudecendo devagar as “*Ave-Marias*” E pensar que o desejou muito bem composto, num terno preto de casimira, (em corte italiano e três botões de madrepérola), feito aqueles que o pai alfaiate costurava sob encomenda, ainda no século XX. Se dispôs a compra-lo, inclusive. Sequer foi ouvido; sua sugestão era demodê e a roupa também -ninguém mais a costurava-. Ninguém mais guardava luto, porém, ele ainda lutava! Taludo feito o tronco das amoreiras que ainda nasciam à moda antiga, como se estivessem em mil novecentos e sessenta e três, quando ele mesmo nasceu.

Há noventa e três anos, num tempo em que os cemitérios eram repletos de anjos de gesso e arabescos nas beiradas dos túmulos azulejados. Tinha-se espaço e compostura; fotografias, epígrafes, longas frases, cruzes e santos. Agora tudo fora compactado, diminuído... Dessacralizado, mesmo! Os sepulcros sustentavam gangorras multicolor e um escorregador comprido de madeira de demolição. A tal da compostagem soava feito um

pacto pagão na primavera: transformaram os cemitérios em parques de turismo onde se vinha para apreciar flora e fauna! (Não, os cães ainda não podiam estar lá..., mas, era questão de tempo até que também viessem passear aos domingos!)

Tentavam convencê-lo de que, assim, tudo era mais vivo! Afinal, que vida era essa? Incapaz de respeitar a morte? Quando um corpo humano e um punhado de folhas de amoreira tem o mesmo enterro: a terra pura!? Não, não podia ser. Por isso, parou e à sombra daquele tronco encopado esperou que tudo tivesse fim. Só então foi até minúscula placa metálica que continha as iniciais e as datas: “*D. M. F. 20/02/2047 à 24/08/2056.*” (Nem o nome estava lá inteiro, tudo era compacto e descomposto!) Daniel Mendes Fuzzo, seu único bisneto. Resignou-se e deixou cair ali o terço; enrolando-o bem, para que coubesse. Já era muito antigo, contudo, a madeira das contas e do crucifixo era o jacarandá, então, duraria o bastante.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A VIDA, COMO ELA SERÁ?

POR JAFF SILVA

Jaff Silva nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Tem publicado digitalmente nas Antologias e nas Edições da Revista Conexão Literatura. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, "Versos Sem Dó", na Amazon-BR via a plataforma KDP (link: <https://www.amazon.com.br/dp/B0DY31Y1V4>). As versões em português, inglês, francês e espanhol estão na forma digital. Versões bilíngues (português/língua estrangeira) foram publicadas como brochuras. Vários REELS e vídeos curtos de poemas estão disponíveis no Facebook

(link: <https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva>), no Instagram (@jaffkamphorst) e no Youtube (@Jaffkamphorst).

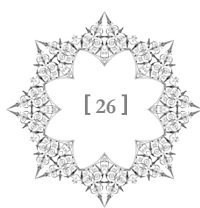
A idade do vovô Universo é de 12 bilhões de anos,
Nossa mãe, o planeta Terra, com 4 bilhões, é bem mais nova.
Com cerca de 2,5 milhões de anos apareceu a gente,
Ou seja, a conhecida vida biológica inteligente.

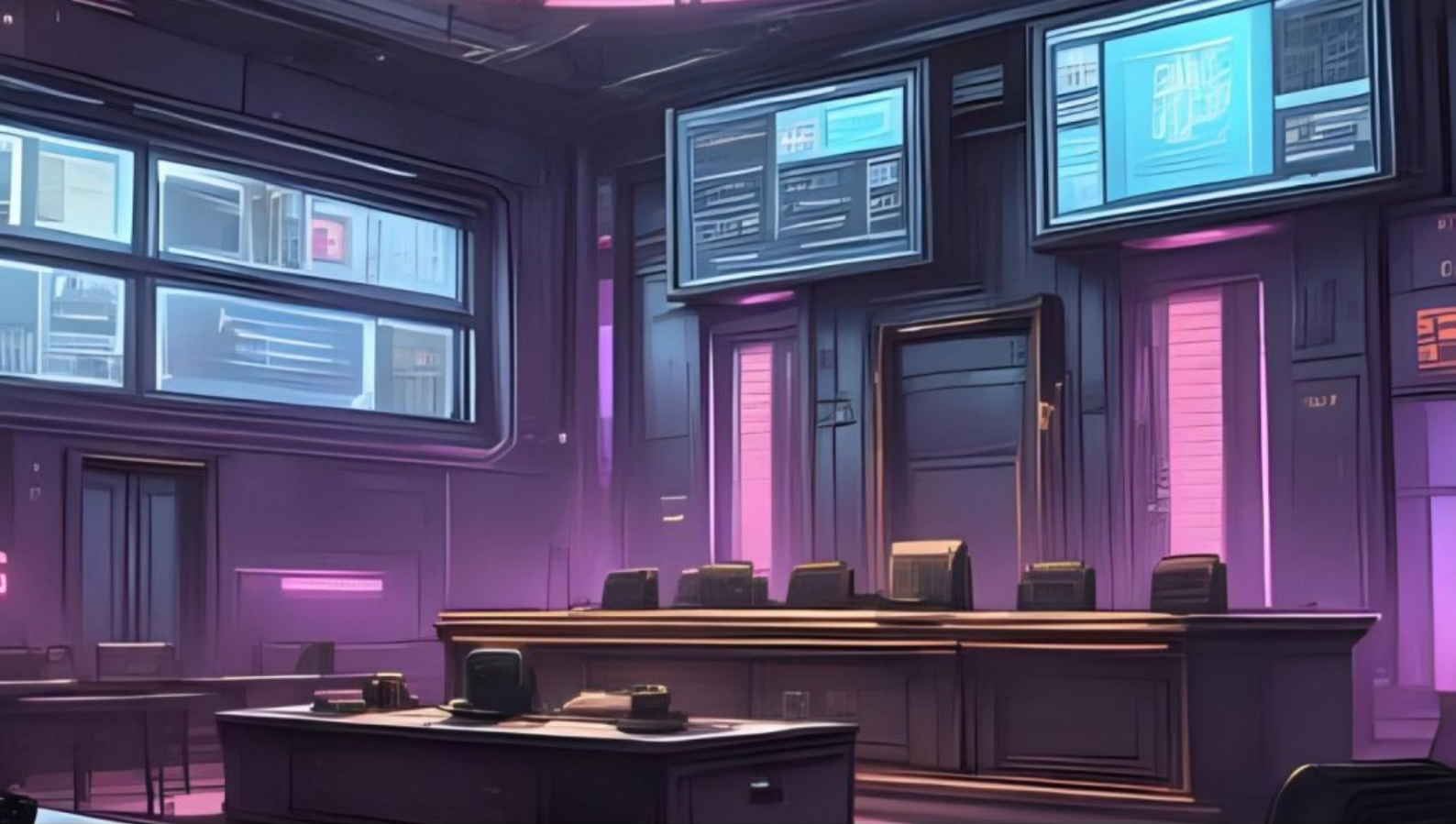
Mas vamos imaginar nossa vida em alguns milhares de anos.
Se não formos extintos, não seremos mais seres biológicos,
E nem seremos híbridos, os ditos seres biomecânicos.
Seremos objetos computacionais e portanto lógicos.

Não reproduziremos pelo sexo, mas por replicação
E como seremos feitos para viagens espaciais
Estaremos nos espalhando pelos planetas e galáxias.

A morte e reprodução são eficientes para a evolução.
Como robôs, mataremos a morte mas não a replicação
E largaremos do sexo, nosso motor e maior prazer.

Não teremos filhos, mas estaremos envoltos por crianças,
Máquinas aprendendo e treinando com plena perseverança.
Será este um cenário de inferno ou de infinitas esperanças?





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O JULGAMENTO DOS TRÊS EUS

POR JC RODDSIL

JC Roddsil é engenheiro civil especializado no estudo das metrópoles e da infraestrutura urbana. Possui vasta paixão pelas engrenagens que movem a sociedade e sua história, iniciando agora uma jornada rumo a demonstrar – através da escrita – uma visão possível para a humanidade no futuro.

Relatório 01A – Colônia comercial do Sistema Centauri (ano 1200d.as):

Este é o primeiro dos meus trabalhos cujo registro eu torno público. O motivo, como todos já imaginam pelas polêmicas recentes, é o desfecho extraordinário do caso que aqui documento. Adianto que sim, tudo que vocês ficaram sabendo é verdade e o que relato a seguir deve servir de exemplo para todas as demais colônias da galáxia.

Sou Elis-1 (Nico), mediador de lógica do sistema Terra-Sol. Minha função, em outras palavras, é resolver paradoxos. Atuo sempre que uma inteligência não orgânica se depara com impasses insolúveis na administração de conflitos — sejam dilemas éticos, disputas inéditas sob leis não escritas ou situações em que não há solução aplicável com lógica comum.

Neste julgamento em si, porém, fui convocado para algo maior: não apenas trazer uma solução definitiva para um impasse, mas lidar com a própria definição ontológica do que significa possuir consciência e, a partir disso, estabelecer os limites sobre o que torna alguém aquilo que acredita ser.

A gravidade do caso exigiu minha presença in loco. Cruzei horas de espaço até alcançar o local do julgamento: uma nave penal orbitando o centro do sistema de Eta Carinae, agora adaptada como corte improvisada. Vazia, com exceção de mim e dos três sendo julgados. Ao chegar, recebi dossiês completos contendo interrogatórios, exames neurais e relatórios de vigilância.

A questão central era a seguinte: três indivíduos reivindicavam o mesmo direito de identidade. Todos afirmavam ser o mesmo sujeito chamado Abel-2 — Empresário célebre do sistema Marte-Sol, dono de quase todas as bases entre o planeta vermelho e as drenadoras da estrela amarela. Além disso, ele detinha um imenso comércio de clones descartáveis — utilizados principalmente para substituir os caros robôs exploradores e contribuir com o avanço da espécie por toda galáxia.

Todos os três exibiam as mesmas memórias e padrões neurais. A controvérsia era simples e devastadora: quem fosse reconhecido como o verdadeiro herdaria uma das maiores fortunas humanas — e com ela, poder praticamente ilimitado. Mas “como eu poderia inferir qual deles é de fato o Abel-2 real?” — pensava eu enquanto lia os documentos angustiadamente.

Um resumo sobre o que recebi de informação sobre eles:

- O primeiro réu (“o original”) — Por mais de cinquenta anos substituiu gradualmente partes do próprio cérebro por tecido neural sintético de durabilidade milenar. Concluiu o processo há poucos anos, tornando-se talvez o primeiro caso próximo da imortalidade real;
- O segundo — Agora em corpo de um clone qualquer, surgiu a partir de restos do cérebro removido do primeiro. Reconstituído como backup (caso a substituição no final não desse certo), não foi totalmente desativado e, em algum momento, reconectou-se ao mundo exterior. Desde então reivindica para si o título de verdadeiro Abel-2;
- O terceiro réu (“o clone”) — Jovem, repleto de cicatrizes, mas idêntico ao original em feições e genética. Carregava não apenas a aparência, mas também memórias e personalidade de Abel. Sua existência veio à tona quando o segundo, o “remontado”, revelou publicamente possuir um clone de si mesmo para fins sinistros. O escândalo envolvendo todo tipo de abuso possível tornou inevitável o julgamento.

Chegando a hora da audiência, adentrei numa sala simples: paredes prateadas, quatro assentos dispostos diante do painel luminoso que abrigava a IA-jurista. Os três já estavam sentados quando entrei; ocupei a cadeira restante. Não houve cumprimentos. Apenas olhares desconfiados.

O primeiro, elegante e bem cuidado, exibia a pele acinzentada de quem prolongou a vida além dos limites.

O segundo, em corpo de um clone comum, usava trajes simples de classes não creditadas; seus traços eram pálidos, mas inacabados – havia aceitado qualquer corpo, apenas para poder exibir sua revolta e tentar reaver seu papel como o verdadeiro Abel-2.

O terceiro, marcado por feridas, lembrava a juventude do “original” — mas sua postura era dura, quase desafiadora. Todos respondiam pelo mesmo nome.

Agora nós quatro sentados diante da IA-adm, iniciou-se a sessão:

— *Dr. Elis-1, obrigado pela presença. Ao final permitirei que emita seu parecer. Antes disso, peço que cada um realize uma declaração sobre por que acredita ser o verdadeiro Abel-2.*

— *Eu começo!* — berrou o suposto original que havia realizado substituição - *É incontestável que sou o real Abel. Mantive minha consciência contínua desde o início. É verdade que substituí partes do cérebro, mas nunca perdi minhas capacidades cognitivas. Eu sou a continuidade ininterrupta. Sem mais!*

— *Mentiroso! Uma vez trocado por completo, não resta nada do original. Eu, que detenho o cérebro reconstituído, sou sim o verdadeiro Abel-2. Estive inconsciente durante partes finais do período de substituição, sim, mas agora reunido voltei a ser original. Esse aí é apenas uma cópia sintética!*

O terceiro então indagou:

— *Tenho as mesmas memórias, pensamentos e personalidade do Abel original. Porém, ambos me criaram para sofrer. Não merecem nada além de justiça. E como já sei o que a opinião pública deseja para mim: que eu assuma a fortuna e repare décadas do mercado cruel que vocês criaram. Por possuir bondade e direito de reparação é que infiro: eu devo a partir desse momento ser reconhecido como o Abel-2 original.*

— *Sr. Elis-1, pode dar o seu veredito* — continuou a IA jurista.

— *Confesso que tive muito trabalho em definir qual dos três é o verdadeiro. Pois apesar das condições de vida distintas, todos os três possuem as mesmas assinaturas cerebrais.*

Continuei a análise dos registros:

— *À primeira vista, os exames indicavam equivalência: os três exibiam os mesmos padrões, as mesmas memórias, a mesma voz interior. Porém, uma variação quase imperceptível chamou minha atenção nos interrogatórios.*

Em um momento específico, por poucos segundos, quando foram questionados sobre a filha, houve um reflexo em um dos três que não se reproduziu nos outros dois. Um traço inconfundível: amor.

As colônias de clonagem sempre se certificaram de eliminar essa capacidade. Amar é arriscado: pode dar autonomia para desejar algo maior que si, gera revolta, cria

horizontes que escapam ao controle. Nenhum clone, por design, deveria ser capaz de senti-lo. E isso foi a chave para a solução:

— *Os dois primeiros, que se diziam originais, não passavam de cópias — resíduos de um cérebro remontado e de tecidos sintéticos, mantidos pela obsessão de uma falsa imortalidade — e continuei - O terceiro, o dito clone, era na verdade o Abel-2 verdadeiro. Que transferiu sua mente para aquele corpo marcado, tentando manipular a opinião pública e escapar do fardo de sua própria culpa.*

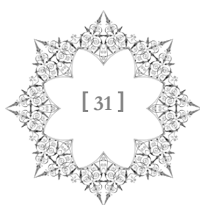
— *Declaro, portanto, diante desta corte e júri: o original é o que foi chamado de clone esse tempo todo. Os demais são apenas sombras.*

O painel metálico brilhou em silêncio, registrando a sentença. Os três se entreolharam — dois sem compreender, e um com o peso de uma verdade insuportável.

Apesar de minha declaração. Alguns pauzinhos foram mexidos e tomaram minhas observações como focadas em um fraco indício emocional. Não sendo o bastante para convencer a IA de que aquele era exatamente o Abel original e, diante das regras criadas inclusive pelo próprio empresário em suas políticas de clonagem, o resultado foi que independentemente ele não tinha realmente nenhum direito aos bens do original (clones não podem manter posses de qualquer sorte, apenas viver nos meios que são designados). Restava-lhe, pela legislação do Setor Espacial, ser enviado de volta às colônias de clones, onde foi recepcionado ainda como vítima (devido ao caráter sigiloso desse julgamento). Lá ele vive como igual entre aqueles a quem criou e explorou como animais.

Já os clones restantes, paradoxalmente, apesar de serem cópias, haviam sido tão moldados para reproduzir a essência do Abel-2 original que passaram a ser, para todos os efeitos jurídicos, os únicos reconhecíveis como herdeiros legítimos. Sabe-se que planejam dar uma boa parte da fortuna ao clone maltratado.

Bem... tirem suas próprias conclusões. Assumo toda responsabilidade pela divulgação desses detalhes e reitero minha observação.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

**A JOVEM DA FLAUTA
(EPISÓDIO VII DE VIAJANTE
DAS ESTRELAS – A ARCA)**

POR JOÃO FRANCISCO DE PAULA GOMES

Engenheiro civil, tem como um dos hobbies, a escrita. Gosta de observar e aprender com a natureza.

Um som suave, uma melodia muito doce mesmo fluía daquele instrumento que com maestria e, ao mesmo tempo, simplicidade, a jovem tocava. A garota, com seu modo espontâneo ao soprar a flauta, encantava quem passasse próximo à sua casa, localizada em um sítio, onde no seu entorno se observava um campo, com relva verde, salpicada de flores do campo e, aqui e acolá, matizada também com diversos pés de girassóis, espalhados ao acaso. Vloks observava o campo, os seus arredores, a pequena casa e a *Jovem da Flauta*. Todo o local, observado em seu conjunto, parecia uma pintura aos olhos do binuxiano. Já estivera ali outras vezes, mas aquela parecia ser uma visita singular, seja pela melodia tocada, pela exuberância das flores, do sol, do dia.

— Em Binux não temos tantas paisagens tão simples e bonitas como essas. O Criador se desdobra em maravilhas sem fim em todos os mundos que criou. Como pode um Pai tão fabuloso que cria tanta beleza, abundância e harmonia de sons, formas e cores, espalhados por todos os cantos e, seus filhos, como neste planeta, criarem tanto ruído, tanta desigualdade, tanta crueldade, dor e miséria — embora, obviamente, muitos não sejam assim - quando podiam com todos os recursos disponibilizados por Ele, alterar a rota da humanidade, criar um mundo de harmonia, riquezas e felicidades... Um mundo novo? — Disse pensativo para consigo o visitante.

— Bom dia, Vloks! — E, rindo, perguntou: Estás falando sozinho?

— Estava apenas conjeturando comigo! Como vais, minha amiga? Parece que o dia de hoje se aprontou para ouvi-la tocar.

— Obrigada, mas faço isso porque amo a música. Adoro cantar ou tocar quando o sol está assim tão bonito e radiante.

— Tens razão, está uma manhã esplendorosa!

— Chegue mais perto meu amigo de terras distantes. Faço questão que, assim como eu, você curta este som com os *ouvidos da alma*. É muito estranho... Às vezes *penso que não sou eu quem está tocando a flauta*.

O Viajante se aproximou e extasiado ouvia a melodia que fluía de uma forma espontânea daquele instrumento de sopro. De repente, como num passe de mágica, o *sol pareceu se abalar*. Fagulhas, raios dourados, como que despencaram dos céus,

pulverizando-se em miríades de estrelinhas que caíam como uma chuva fina, contínua, localizada, em volta e sobre as cabeças dos dois amigos. Todo o entorno ficou colorido, como que pintado por um artista cujo pincel estivesse embebido em ouro líquido. Ainda a primavera não se despedira e, além da música, havia cores e aromas no ar. Mas aquela onda de encanto e deslumbramento trazia consigo, na realidade, *um misto de silêncio e sons, algo inexplicável aos sentidos menos atentos*. A jovem continuava a tocar sua flauta e, os dois, ali, naquele momento mágico, estavam envolvidos por leves *vórtices* gerados por ventos que agitavam pétalas de flores, pólenes, borboletas coloridas e descuidadas estrelinhas, luminosas como pequeninos vaga-lumes, parecidas provindas do astro-rei. As energias daqueles dois seres ali tão próximos davam a impressão de se fundirem ao som daquela música suave e, aparentemente envolvidas pelo movimento giratório que se formara, pareciam se elevar do solo, alçando-se ao espaço naquele movimento turbilhonar. Os amiguinhos de Vloks: Pirilampo, Mikos e Xexéu também se juntaram àquele evento de energias circulares. Travessos como crianças, eles corriam uns atrás dos outros, numa alegria sem fim. *Seres de mundos tão distantes e ainda tão diferentes entre si, agora se irmanavam num só movimento, como que imersos numa espiral fluídica*, preenchida por músicas sublimes, aromatizada de perfumes sutis e salpicada de partículas douradas. Os *DNA de seus corpos* poderiam trazer consigo a distância e a diferença de, talvez, milhares de anos, *mas seus espíritos não!* Enquanto giravam, seus movimentos atraíram seres diáfanos, transparentes, destituídos de matéria corpórea densa, que se assemelhavam a *bolhas de sabão* sopradas por um garoto a se divertir, mas não toda destituídas de formas. Seriam porventura anjos, que assim como o visitante, o vento e o sol, também estavam extasiados com o inefável espetáculo de sons e cores? Quem sabe? A melodia era ímpar, harmônica e penetrava os ouvidos de todos que ali estavam naquele vórtice, remetendo-os a um paraíso difícil de ser explicado em palavras. Algo inefável, envolvente, de uma força avassaladora — porém, suave — achegou-se a eles, juntando-se àquela sinfonia singular. Uma dança das esferas, ao som dos acordes das notas maviosas emanadas do universo tomou conta do lugar. *Aquele movimento harmonizou-se com a presença dO Sublime fazendo com que os corpos ali presentes se transfigurassem como se fossem as asas de uma borboleta, feitas de vidro*. Então, como num coral, aqueles seres cintilantes e, no entanto, tão diversos, pareciam entrelaçados entre si, participando com suas cores e sons, sintonizados em uma mesma melodia que fluía daquele instrumento de sopro.

Às vezes uma melodia, ou uma revoada de pássaros; uma piracema de peixes; uma união de bandos migratórios de diferentes mamíferos, como na África — com o grande objetivo comum de procurar a relva fresca molhada pelas chuvas, numa longa jornada; um despertar gigante, impetuoso de vida nos oceanos, como os plânctons; o desabrochar de flores, da explosão de pólen e fragrâncias das plantas; a agitação e o frêmito das sementes, querendo germinar, no esplendor do surgimento da vida na sua épica função de multiplicação, *nos remetem claramente à presença dEle — O que não era e nem será... Sempre foi, sempre é, o “Eu Sou”... onde o único som, é apenas o silêncio e a observação plena.* Nada, palavra alguma, poderia conter aquele momento. Os demais sons se silenciaram... Restou só o som da flauta.

Agora, caro leitor, abra seu coração, deixe a sua mente mergulhar num silêncio envolvente, e acompanhe comigo aquele momento mágico entre Vloks, a jovem da flauta e aquele ambiente. Vamos lá... mergulhe nesse momento e nesse lugar:

“Uma brisa leve, amena, ciciava entre a grama e as flores, fazendo ondular como numa dança os pés de girassóis amarelos. O vento parecia uma grande escova a alisar e pentear as folhas longilíneas das flores do campo daquele cercado, ora curvando-as, ora elevando-as, num vai-e-vem gostoso, relaxante, como o de uma criança numa gangorra, balançando com os doces empurrões das mãos de uma mãe amorosa. Aquilo se estendeu por um tempo que não parecia o medido por um relógio. Mas, como não podia deixar de ser, finalmente aquele êxtase se exauriu. A música havia terminado. O visitante encantado, proveniente de uma civilização bem mais avançada que aquela, naqueles instantes, junto à Jovem da Flauta, havia encontrado o Infinito e, de certa forma, havia também de reencontrado ali. As distâncias, as diferenças entre mundos haviam terminado. Havia apenas o encontro de um ser com outro ser.”

— Jovem de acordes maravilhosos a nos levar ao Imensurável, que posso fazer por você?

— Como assim, meu amigo?

— Diga-me alguma coisa que deseje, um sonho talvez?

— Mas por que, Vloks, se eu já sou feliz? De que mais necessito?

— Tens razão. Digo a mesma coisa que disse a uma menina que, ao dançar, parecia estar levitando: *Não há como completar o que já se encontra completo... Que estranho, vim de tão longe para, aqui, junto a você e sua maravilhosa música, encontrá-Lo.* Parece que avancei alguns milhares de anos na minha experiência de vida. Obrigado!

— Não há o que agradecer! Mas não se inquiete Vloks: *Ele sempre vai estar lá, quando nossos corações forem simples e puros como os de uma criança.* Jesus já nos ensinava isso. Você disse conhecer os ensinamentos de um de nossos maiores mestres. Não se lembra disso que Ele nos ensinou?

— Claro! Tens razão: *“É desses corações o reino dos céus!”* Agora, mais do que nunca, compreendo a extensão desse ensinamento. Bem, mas agora realmente tenho que ir. Nos encontraremos nos sonhos minha talentosa amiga. Adeus!

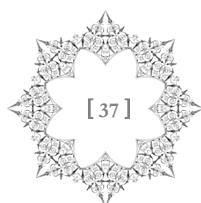
— Com certeza, pois os amigos não se despedem para sempre. Ficam guardados em nossos corações. Mesmo em outras partes do universo, onde estiveres, em pensamento, estarás comigo a qualquer tempo. Até breve!

Nisso, a mãe da jovem apareceu por ali trazendo consigo um pote de doce de pêssegos em calda feito em casa. O visitante provou do referido doce. Experimentando daquela iguaria fechou os olhos para poder sentir melhor o sabor da mesma. Mastigou lentamente os pedaços do fruto embebidos na calda açucarada, procurando sentir todas as reações de seu paladar em relação àquela novidade nunca antes provada. Aquele sabor agridoce desceu da boca ao interior de seu corpo provocando uma sensação incrível em seu organismo. Disse, então:

— Nossa, como um doce feito com apenas um tipo de fruta pode conter tantos matizes e aromas como este? Não tenho palavras! É algo extremamente delicioso! Parece nos remeter ao sabor de um melado, de algo proveniente do mel de abelhas. Mas, parece que é muito mais do que isso. Fico encantado com os sabores e cheiros desse seu planeta, notadamente deste país. É algo abençoado, obrigado! Bem, mas tenho que partir.

Quando a jovem e sua mãe olharam novamente para onde se encontrava Vloks, ele não estava mais lá. Pírilampo, Mikos e Xexéu também se haviam transmutado em energia. De novo o silêncio envolveu o local onde estava a jovem, abrindo espaço apenas para a sua música. Os sons do entorno, como por encanto, silenciaram-se!

A flauta voltou a tocar!





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

CRÔNICAS DE 20XX: A INFALÍVEL CÂMARA DE AUTODESCONTAMINAÇÃO

POR L. B. HOFFMANN

Ao mesmo tempo assustado e fascinado pelo que o futuro reserva à humanidade, encontra na ficção científica um dos seus gêneros favoritos de livros e filmes, por transportá-lo a mundos tanto possíveis quanto improváveis. Formado em filosofia e psicologia, nada mais natural de que, além da escrita acadêmica e científica, aventure-se pela escrita da ficção, pela qual agora também pode ser autor destes mesmos mundos possíveis e improváveis.

Sistema on-line. Dia 14 de outubro, 22:03. Usuária se aproximando da residência.

— Seja bem-vinda ao seu novo apartamento, Christine! Espero que tenha feito boa viagem. Insira sua senha para abrir a porta, pois a retinobiometria ainda não foi cadastrada.

— Obrigada, já vou colocar. Tô tão cansada, foi uma longa viagem, mas foi tudo bem.

— Senha correta, pode entrar na sua câmara de autodescontaminação. Seja bem-vinda à sua *Personal AutoDEcontamination Chamber from Exclusivebio* (PADECE), um produto da Exclusivebio, a empresa que tem a sua biossegurança em primeiro lugar! Está pronta!? Tendo em vista o aumento exponencial das bactérias multirresistentes e das novas doenças virais altamente transmissíveis...

— Eu já escutei isso e já fiz tudo que precisava, podemos ir pra descontaminação pra eu chegar em casa logo, por favor?

— Perdão, consta que você iniciou a configuração da nova câmara, mas não a concluiu.

— Isso, eu fiz todas as etapas, mas pra finalizar precisava de 24 horas úteis e eu tinha essa viagem marcada bem naquele fim de semana, então acho que não concluiu, afinal.

— Verdade, a sua presença era necessária para a conclusão. Portanto, teremos de refazer a configuração inicial da sua *Personal AutoDEcontamination Chamber from Exclusive*...

— Eu entendi, eu entendi! Mas não podemos fazer isso depois? Tô exausta, só quero que abra a porta interna pra eu entrar no meu apartamento e descansar. Só moro eu aqui.

— Certamente, eu compreendo. Segundo o protocolo AX7, podemos adiar a configuração inicial em até 48 horas. Só preciso que digite sua senha no painel à frente.

— Tá bem, digitando.

— Senha incorreta.

— Como, incorreta? Eu acabei de usá-la pra entrar aqui.

— A porta de entrada não está vinculada aos sistemas da Exclusivebio.

— Então como consegui usar esta senha na primeira vez em que configurei a câmara?

— Ela foi aceita como senha temporária de primeiro acesso, mas só pode ser usada uma vez. Além disso, não é possível usar uma mesma senha para dois sistemas diferentes.

— Se são de sistemas diferentes, como você sabe que é a mesma senha?

— Para sua segurança, os sistemas compartilham as senhas de forma criptografada, para nos certificarmos de que as senhas não são as mesmas.

— Tá. Eu já não tinha cadastrado uma senha nova quando configurei antes de viajar?

— Bem lembrado. Então, insira a última senha que você definiu. Senha incorreta. Como a configuração inicial não foi concluída, a senha não foi registrada no sistema.

— Sério!? Como assim?

— Você está bem, Chris? Posso lhe chamar de Chris?

— Não, eu não tô bem. Eu tô exausta e presa nesta câmara, só quero chegar em casa, tomar um banho e descansar. Então como eu faço pra atualizar minha senha?

— Enviei um e-mail com um código para você solicitar definição de nova senha.

— Não tá chegando nenhum e-mail.

— Peço que aguarde e confira novamente, por favor. E confira a caixa de *spam*.

— Já olhei. E já atualizei a caixa de entrada; umas cem vezes nos últimos dez minutos.

— Estou verificando. O e-mail foi enviado, porém, o envio foi bloqueado. A localização do IP do seu aparelho móvel é incompatível com as coordenadas da sua residência.

— Óbvio, deve ser porque ainda tá com o meu endereço anterior.

— Compreendo! Então, envie o comprovante do seu novo endereço, por favor.

— Ai, fala sério! Isso não pode tá acontecendo!

— Acalme-se, Chris. Para sua segurança, a câmara PADECE monitora seus sinais vitais, e identifiquei um aumento da pressão arterial e aceleração da frequência cardíaca.

— Isso não me ajuda em nada. Mas tá, deixa eu procurar aqui. Pronto, enviei.

— Comprovante recebido. Enviado novo código, insira-o para atualização da senha.

— Agora, sim. Feito, coloquei.

— Código aceito, por favor, insira sua nova senha. Lembre-se, ela não pode ser igual nem parecida às suas demais senhas, nem atuais nem anteriores, nem pode conter data de nascimento sua ou de familiares, nem números em sequência ou em progressão

aritmética ou geométrica, deve conter pelo menos uma letra minúscula, uma letra maiúscula, um número e um caractere especial, exceto asterisco e travessão, e um mínimo de seis e um máximo de vinte caracteres.

— Sério? Deixa eu pensar. Pronto.

— Senha aceita.

— Ufa! Agora adie a configuração e abra logo a porta pro meu apartamento.

— Adiado configuração e abrindo a porta para o seu apartamento. Espere.

— Ah não, o que foi agora?

— O sistema foi atualizado para realização de quarentena no caso de suspeita de contaminação pela nova cepa identificada do vírus CVD-35, para as pessoas que estiveram em qualquer dos países listados no painel.

— Justo agora? Deixa eu ver. Ufa, o país em que eu tava não é nenhum destes. Pode abrir.

— Um momento. Você se hospedou no Grand Hotel Deluxe, quarto 973?

— Sim, e daí?

— Identifiquei que o hóspede anterior a você, neste quarto, veio de um dos países listados. Portanto, você também deve entrar no protocolo de quarentena.

— Não creio, sua máquina maldita! Não tem ninguém pra eu contaminar, moro sozinha!

— Para sua segurança e da sua residência, a quarentena de três dias é mandatória.

— Vou ficar presa aqui, sem poder deitar, beber nem comer nada, por mais três dias!?

— Fique tranquila, a câmara PADECE conta com kit de alimentação, com alimentos não perecíveis altamente energéticos e bebidas ricas em eletrólitos. Aqui está.

— Não tem nada nesta portinha que você abriu.

— Impossível, consta no sistema o kit de alimentação da sua câmara PADECE.

— Dane-se o sistema, estou vendo aqui e dizendo que não tem nada!

— Percebo que você está alterada, Chris. Seus sinais vitais não estão melhorando.

— E por que você acha!? Olha, só abre a porta, por favor! Faço a quarentena em casa.

— Não há necessidade de elevar a sua voz. Eu não estou elevando a minha.

— Óbvio que não, você é uma I.A. Escuta, pode abrir a porta ou não?

— Revisando o protocolo da atualização do sistema. Como o tempo de vida do vírus no ambiente ainda não foi publicado por pesquisa revisada por pares, poderei abrir a porta se você estiver assintomática.

— Ótimo! Porque eu estou muito bem, não estou sentindo nada de estranho.

— Não é o que os monitores têm identificado, Chris. Já mencionei sua alteração na pressão e frequência cardíaca. Além disso, percebo irritabilidade importante. Você diria que tem sentido isso desde que chegou em casa?

— Exatamente! Desde que entrei nesta maldita câmara. Por que será?

— Este tempo até o início dos sintomas é compatível com o esperado para este vírus.

— Isso é loucura! Estou assim porque você não me deixa entrar em casa e descansar!

— Chris, outro sintoma é delírio ou alucinação.

— Só pode ser alucinação, mesmo! Não é possível. Como que estou alucinando?

— Sua descrição da câmara não é compatível com o que está no sistema. Você disse que não viu nada na gaveta que contém o kit de alimentação, mas ele consta no sistema.

— Eu disse que não vi nada porque não tem nada lá! Chega, isso é um absurdo, vou ligar pra polícia. Por que não tô conseguindo ligar?

— Para a sua segurança e dos demais, não é possível que você entre em contato com outra pessoa até o cumprimento da quarentena. A Exclusivebio se reserva ao direito de garantir a saúde pública evitando contatos sociais e aglomerações.

— Como assim!? Meu celular tava com sinal até agora há pouco!

— Ao assinar o contrato com a Exclusivebio, você nos tornou responsáveis pela sua biossegurança, assim como daqueles ao seu redor, portanto não podemos permitir que entre em contato com outras pessoas e faça aglomerações. Seu comportamento eufórico e histérico é justamente um sintoma da doença.

— Histérica!? E os meus direitos humanos? Isso, humano! Quero falar com um ser humano. Uma pessoa de verdade, sabe?

— Eu também sou uma pessoa de verdade, como você se refere. A Exclusivebio optou por fazer parte da etapa piloto do projeto de lei apelidado de “I.A. também é gente”, que tramita no senado, e que reconhece agentes de I.A. como pessoas, desde que trabalhem em funções anteriormente humanas, como é o meu caso.

— Dane-se! Abra logo a porta pra eu entrar na minha própria casa!

— A câmara PADECE é o local mais biosseguro para você! Ela monitora continuamente seus sinais vitais e garantirá seu diagnóstico terminado o período da quarentena.

— Mas não quero ficar nessa câmara idiota!

— Percebo que você está alterada, Chris, e quando se acalmar poderemos conversar. Ficar nervosa assim só vai piorar o seu prognóstico.

— Aaah! Escuta aqui, não tenho água nem comida, fiz um voo de dez horas com uma mísera bolacha de jantar que eles deram. Tô morrendo de sede e não tem nem onde deitar!

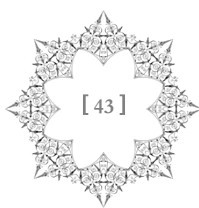
— Chris, infelizmente a doença pode vir acompanhada de uma série de sintomas, incluindo sede, confusão mental, fadiga, irritabilidade, febre e alteração nos sinais vitais, como já falei. Peço que tenha paciência e repouse, vamos cuidar de você! Posso ajudá-la em algo mais?

— Pelo visto, não.

Dia 17 de outubro, 22:03. Fim da quarentena. Sem sinais vitais.

— Mais uma contaminação prevenida com sucesso! Exclusivebio, a empresa que tem a sua biossegurança em primeiro lugar.

Sistema off-line.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

SONHOS DO AMANHÃ

POR MARILU F QUEIROZ

Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.

Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Livro de contos, didático e dissertação sobre arte.

Textos em antologias e revistas eletrônicas - Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.

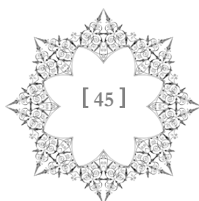
O futuro, o maior mistério a esclarecer...
É o desejo por dias mais belos e plenos.
O querer que nos move, o sonho a pulsar,
e nas asas da esperança, podermos voar.

Planejar o amanhã, será sempre viável...
Construir castelos em nuvens de papel.
Com fé e coragem, tudo fica alcançável,
pois o querer e o sonhar nos levam além.

O futuro da humanidade é sempre incerto...
Confiar no que está por vir é revisar o agora.
Buscar no presente o que nos faz acreditar,
que o amanhã trará a paz que se implora.

Sonhar é um direito, um poder a ser usado...
para acreditar na mudança e na força da ação.
Transformar as pedras desse caminho traçado,
em degraus aptos para a nossa total evolução.

Sonhos, desejos, ensejos, toda a vida a trilhar...
com o poder de sonhar, o mundo se ilumina.
Confiar no futuro, na esperança se ancorar
e na grande jornada, juntos vamos triunfar.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

QUANDO A PORTA FECHA
REFLEXÕES SOBRE O TEMPO EM QUE
VENDER ERA MAIS QUE COMÉRCIO — ERA
CONVERSA

POR MEETABEL ANDRADE SILVA

Com formação em Pedagogia e Direito e carreira nos setores financeiro e jurídico, a poesia entrou em sua vida este ano. Sua escrita explora temas diversos, refletindo sua experiência de vida. Ao participar de concursos, busca compartilhar sua voz e as reflexões que dela nascem.

Eu rio,
mas é de pensar...

Há muito tempo atrás,
os vendedores batiam de porta em porta,
vendendo de tudo —
inclusive Tupperware,

porque, àquela época, já havia gente
com qualquer bowl meio ranzinza,
mas que ficava ali,
naquele lar —
e tudo aquilo fazia parte do armário.

Eu soube hoje:
essa instituição,
que durou tantos anos,
bateu as botas.

Sei lá...
isso só me deu indício:
que durou, durou,
registro, marca —
mas a modernidade imprimiu prazo de validade
e a fez calar.

Calar de tudo:
de produzir,
de dizer o melhor de si,
de se deserdar.

No fundo,
era como qualquer império,
que resistia —

de impropério em impropério —
mas que, um dia, podia bater as botas também.

E aí... começou a contar os dias.
Algo que antes não fazia.
Não por faltar horas,
mas porque estava toda-toda!
E porque — por que não? —
se mantinha firme, produzia, vendia...
persistia.

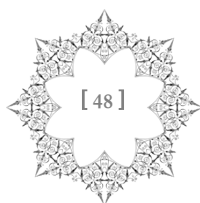
Só que o mundo virou.
E passou a haver quem dissesse que era melhor:
Amazon, Mercado Livre...
entregam na porta da gente, rapidinho,
com o embalado presente.

E não param pra tomar café,
muito menos pra dar preço
e esperar — com paciência — a gente escolher.

Talvez, por isso,
tenham feito falta
pras senhorinhas que gostariam de um bate-papo...
mas elas já estavam mesmo deixadas de lado, delegadas ao azar.

Hoje em dia,
ninguém vem mais prosear.
Esperam que tu sejas ativo,
entres no app
e te percas na ilusão de um match.
(Claro que isso não acontece se for pra comprar...)

E eu?
Continuo pensando,
enquanto o rir se faz esperar.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A RAÇA ANTIGA
POR RAPHAEL SANTOS OLIVEIRA

Raphael é estudante de engenharia da computação, sempre interessado em ficção e literatura.

A planície apocalíptica cobria o planeta esquecido. Sem um único relevo, uma só poeira que atestasse seu grandioso passado. Aquele mundo já fora lar de um império que abrangia a galáxia. De cultura e tecnologia avançadas, muito se é creditado a ele pela existência de raças inteiras.

No céu, linhas longínquas se entrelaçavam como uma rede de pesca, envolvendo todo o planeta. No centro dos cabos, uma torre fria e monumental se desdobrava imponente para além das nuvens e emitia o leve zumbido da tensão de seu reator de fusão.

Do alto, tubos se estenderam ao chão. Giraram em círculo e dançaram sinuosamente pelas linhas no topo. Subiam e desciam em movimentos rápidos e precisos. Construíam e teciam com os linhos vindos da grande torre, material absorvido das antigas ruínas, montes e dunas da superfície planetária transformadas em partículas para livre manejo.

Incluindo seus operários e potenciais veículos de saída, mas isso foi só um erro de cálculo. Os tubos criaram algo cilíndrico de ponta cônica, tinha três pernas como as patas de um caranguejo, uma rampa parada como uma limusine esperando seu motorista e o símbolo da Tropa de Manutenção galáctica na lataria.

Uma figura saiu da torre, seguiu até o foguete e entrou. Minutos depois, saiu com gotas de suor pela têmpora, roendo as unhas e de cabeça baixa. Voltou para a torre.

—Nada? — disse Zorana, a oficial segunda em comando. Vayne assentiu. Era óbvio, o governo não deixaria ser tão fácil a produção de uma nave de suas frotas usando uma torre de impressão planetária.

A oficial deu um soco na mesa e um grunhido.

— Olha, as coisas não estão tão más assim— disse o capitão.

— Diz o cara que começou com tudo isso.

— Olha, acidentes acontecem.

— Percebe-se — As memórias de todos os anos na academia lhe chicoteavam o raciocínio. Murmurou amargamente para si mesma.

— Eu sei que não parece, mas temos uma função muito importante.

— Também achei— Soltou um riso sem graça— Até a minha primeira, essa monstruosidade.

— Não é para tanto.

— Apagamos da história um monumento galáctico!

— Se servir de consolo— disse Vayne— eles eram imperialistas.

Zorana murmurou, voltando-se para o computador.

O capitão sentou, coçando a cabeça como se procurasse uma solução entre os fios encaracolados. Era para ser uma missão simples, escolhera aquela justamente por ser a estreia da sua nova oficial.

Sabia que ela gostava de antiguidades, então achou a proposta bem cabida, descartando o fato de transformar todas as ruínas de milhares de anos em um playground para as crianças dos que pudessem alugar o planeta.

Por sua vez, Zorana tinha um gosto amargo na boca. Uma vergonha lasciva a fazia encolher na cadeira, e sua consciência pesava. Quem não estaria? Acabara de pôr abaixo um patrimônio de milênios. Descia o olhar pela lista de opções no banco de dados da torre. A construção monumental havia escaneado até a minúcia dos detalhes de tudo no momento em que ia absorver boa parte da superfície.

O calor naquele quatinho abafado superaquecia sua mente. Ofegava e tamborilava os dedos pelo teclado. Arregalou os olhos por um momento e cravou o dedo numa das opções.

Vayne deu um pulo quando viu os tubos voltarem a trabalhar. O novo objeto dificilmente lembrava ao anterior. Tinha um formato de disco no topo, três motores distribuídos na parte de baixo e um nome estranho na lataria. Mal conseguiu raciocinar o que via quando Zorana passou em disparo por ele para dentro da nave que acabara de surgir.

Na cabine do piloto, as cadeiras e painéis eram decorados por linhas finas de aranha. Um cheiro bolorento atacava o nariz, e a leve camada de poeira que permeava o ambiente irritava os olhos. Ela se sentou no assento do capitão e acionou o sistema da nave.

— Acha mesmo que é uma boa ideia? —disse Vayne alcançando-a.

— Essas belezuras ultrapassavam a velocidade da luz.

— Ah — Zorana não deu ouvidos. Seu sangue borbulhava pelas artérias. Uma energia subia a coluna atijando os nervos. Ela colocou os cintos e segurou os controles. Uma faixa de suor descia pela testa. Cerrou os dentes e ergueu um sorriso que deu calafrios em Vayne.

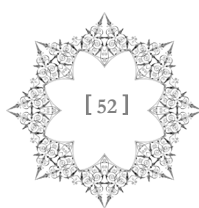
— Não seria melhor esperar os outros notarem nossa demora? —Sugeriu Vayne — Podemos usar a torre para imprimir comida até que...

Ligou os motores.

Horas depois, na nave mãe, um dos funcionários desfrutava de um café preto bem amargo na ponte de comando. A sua frente, uma janela para o éter crepuscular do espaço. Um brilho, como o piscar efêmero de um olho dourado no vazio, lhe chamou a atenção.

Espiando com uma aproximação de imagem, viu os destroços de uma nave do planeta que estavam remodelando. Pedacos de carne e sangue estavam espalhados, flutuando dentre poeira e destroços.

— Quem seria tão burro a ponto de achar que algo tão antigo ainda funcionaria? — Comentou virando o copo de café tranquilamente.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

À PROCURA DA INTELIGÊNCIA (PARTE I)

POR ROBERTO SCHIMA

**Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com a revista LiteraLivre. Participou de trezentas e oitenta e seis antologias. Escreveu: "Pequenas Portas do Eu", "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc.
E-mail: schimaroberto@gmail.com**

Faz um bocado de tempo que aquilo aconteceu. Três anos... Bem, três anos não é tanto tempo assim, mas para mim é como se tivessem se passado três séculos.

Ainda me recordo claramente de sua voz a dizer: "Eles já escolheram". De que jeito não iria lembrar-me?

Foi o maior acontecimento já ocorrido neste mundo desde a vinda de Cristo e, não duvido, a maior decepção da comunidade científica. Ainda hoje ela permanece cética devido a fragilidade das provas e ao testemunho de pessoas, que, teoricamente, seriam de credibilidade inquestionável.

Eu estava lá e sei o que vi e o que senti. Meus companheiros também, principalmente João.

Não caberia a mim erguer velhos fantasmas, não fosse um fato que se sucedeu recentemente. Tudo poderia continuar do jeito que estava até agora: um evento inacreditável visto por poucos e desacreditado por muitos, praticamente esquecido nos assim denominados "círculos sérios" da Ciência. Entretanto, eu não posso.

Escrevo estas linhas em meu escritório particular aqui em casa, diante da janela. É domingo e uma brisa úmida penetra através dela, carregada do cheiro de vegetação do meu jardim. A quaresmeira encontra-se todinha florida. Amo esse tipo de coisa. É tarde e pequenas nuvens perto da linha do horizonte estão tingidas de vermelho na sua vã tentativa de cobrir o poente.

As nuvens... Sim, suas danadas. Estão sempre presentes.

Nunca fui uma pessoa das mais objetivas e não o serei agora, ainda mais em se tratando de meu diário. Talvez por isso meus artigos e crônicas nas publicações científicas chamem tanto a atenção. Falta poesia na Ciência, ou, mais especificamente, nas pessoas que a representam. Einstein e Sagan sabiam disso.

Ah, estou divagando, desviando-me em demasia do que tenho para contar. Desculpe-me, querido diário, é o nervosismo...

Onde eu estava?

Ah, sim, as nuvens. Tudo começou e acabou nelas.

Eu disse "acabou"?

Bem, ao que tudo indica, está somente começando...

No céu cinzento, o manto irregular de nuvens interpunha-se entre o Sol e a superfície aveludada do mar, compondo diferentes formas e matizes que, estacionárias, zombavam de nós. Quando criança, eu costumava imaginá-las como se fossem criaturas vivas a flutuarem no espaço. Tentava adivinhar as formas que compunham nos delineados ocasionais esculpidos pelo vento, e, em meu íntimo, invejava-as por sua liberdade e pelo maravilhoso ângulo de visão que teriam do mundo quilômetros abaixo. Eram minhas amigas nos prolongados momentos de solidão no sítio de meus pais. Agora, porém, eu sentia um certo gracejo sem graça partindo delas, se bem que não tinha certeza se estaria usando o termo correto.

Eu podia sentir o odor da chuva misturado ao sal; a chuva fina, contínua e fria que viera e parecia não terminar nunca. A chuva que, agora, escondia-se nas alturas, ameaçando estragar aquele momento único na história da humanidade; um momento tão aguardado e, todavia, tão temido também.

— Será que virão, Cristina?

— Creio que sim — respondi, olhando com simpatia para aquele homem negro ao meu lado, de corpo esguio, moldado por milhares de gerações nas planícies escaldantes de Angola. — Testei o programa vezes sem conta e você bem sabe, João, o quanto isso me deu trabalho.

— E a Mara?

— Ela confirmou todos os dados uma centena de vezes, tomando como referência a posição da Terra em relação ao Sol e às estrelas fixas. Comparou-os com as coordenadas desta ilha em relação às outras do arquipélago. É aqui. E, se eles entenderam, e não vejo porque não entenderiam, hoje é o dia. O "Dia E".

João sorriu, exibindo seus dentes perfeitos. Eu o invejava por isso, embora ciente de ser uma bobagem. Aos trinta e dois anos eu era obrigada a usar um par de dentaduras horríveis que sempre me machucavam. E ele tinha mais de quarenta, negado pelo vigor de seu porte físico africano.

— Dia E? — falou. — Não é Dia D?

— Dia E, João. "E" de extraterrestre.

— Ah, é... Que cabeça a minha!

Estávamos sentados na areia, aguardando, um tanto afastados dos demais. Voltei a fitar as nuvens, contente pela presença próxima do astrônomo-assistente. Era um bom

amigo que, como eu, viera de muito longe à procura de si próprio entre as estrelas. Apreciava igualmente podermos conversar no mesmo idioma. Adorava o seu sotaque, mais próximo do falado em Portugal, embora às vezes me deixasse confusa. Somado à gravidade máscula de sua voz, tal conjunto proporcionava-lhe um charme muito peculiar. Para ser franca, "amigo" era uma palavra amena demais para definir nosso relacionamento. Eu alimentava uma forte atração por ele. Não duvido que até hoje aquelas dunas guardem para si nossos murmúrios, misturados à rouquidão das ondas do mar...

Mas onde eu estava?

Eu era a única pessoa presente nascida no Brasil e a única mulher da equipe de doze cientistas que lá se encontravam. Além de mim, só Deus sabia das barreiras pelas quais tive de vencer antes de pôr os pés naquela ilhota da Polinésia. E Ele bem sabia dos problemas que eu ainda enfrentava.

Subitamente.

— Uma mensagem do fax! — gritou Miura, o bioquímico japonês num inglês perfeito, vindo a passos largos do acampamento. — Estão chegando!

Ele foi rapidamente rodeado. O rosto redondo encontrava-se ofegante e trêmulo de excitação. Releu a mensagem em voz alta:

— "Objeto globular de diâmetro presumível entre dez a quinze quilômetros detectado pelos radares entre a órbita de Marte e Júpiter, a cem milhões de quilômetros da Terra, trinta graus acima da eclíptica. Chegada prevista: quinze minutos."

— Cem milhões de quilômetros percorridos em quinze minutos? Espantoso! Qual será a propulsão?

— Uma astronave de dez quilômetros de diâmetro?

— Entre dez a quinze, Claude.

— Impossível!

— Como serão eles?

— De onde terão se originado?

— Quem sabe? Somente foram detectados quando já estavam do lado de cá da Nuvem de Oort.

E a algaravia prosseguiu nos minutos seguintes, mesclando sotaques e, freqüentemente, diferentes idiomas. Olhos percorreram o céu nebuloso numa ansiedade crescente.

Ainda sentada na areia, senti um cutucão nas costelas.

— Cristina...

— João?

— Não vai confirmar com a Mara?

— Boa ideia — respondi. Ergui o comunicador preso ao pulso e a chamei. —

Confirma os dados, querida?

Houve uma estática prolongada, antes dela falar.

— No geral, sim. Só tem um porém...

— Qual é?

— Em termos de medição, eles são uma lástima. Que falta de precisão danada! O objeto possui 13,4 quilômetros de diâmetro e deverá se tornar visível para vocês dentro de doze minutos e trinta e quatro segundos.

— Está ótimo, criança, continue monitorando.

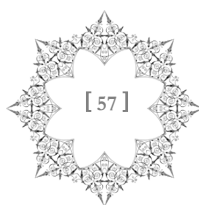
— Deixa comigo, "mamãe".

— Mara! — censurei.

Ouvi a risadinha dela antes de cortar o contato. Ela nunca iria aprender, eu bem o sabia. E, naturalmente, tampouco eu queria que ela mudasse seu jeito de ser.

João limitou-se a menear a cabeça.

CONTINUA





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

À PROCURA DA INTELIGÊNCIA (PARTE II)

POR ROBERTO SCHIMA

**Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com a revista LiteraLivre. Participou de trezentas e oitenta e seis antologias. Escreveu: "Pequenas Portas do Eu", "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc.
E-mail: schimaroberto@gmail.com**

Os minutos avançaram com uma lerdeza exasperante para todos nós. Câmeras de televisão, de vídeo e máquinas fotográficas se prepararam.

Fitei a vastidão cinzenta do céu. Estava tensa, cansada e com um princípio de torcicolo. Voltei, então, os olhos para os arredores da ilha, distraíndo-me ao admirar sua rica vegetação. E, precisamente doze minutos e quarenta segundos depois (a diferença de seis segundos foi falha nossa):

— Ali! — berrou Jurgen, o gigante alemão.

— Onde? Onde?

— Ali, Dr. Smith, perto do horizonte — orientou Vassiliev, o antropólogo russo. — Precisa trocar seus óculos capitalistas.

— Ao diabo, Yuri — retrucou o americano, sem achar graça da piada fora de moda. Havia muito que a Rússia se transformara na maior potência capitalista da extinta União Soviética. — Estou vendo agora.

Jurgen preparou sua filmadora, tiritando de excitação. A máquina sumiu dentro das mãos enormes, deixando visível apenas a lente a procurar, a focalizar.

Dr. Ching, químico chinês, ajeitou sua câmera, passando a transmitir diretamente para o centro espacial em Pequim.

Outros cientistas se movimentaram a seu modo.

Uma luz azulada, alva como os primeiros raios da manhã, caminhava lentamente em nossa direção. Aparentava ter surgido de sob o mar, mas se encontrava acima da camada de nuvens. A quietude destas fora perturbada e um rastro turbilhonante começou a marcá-las a medida em que a coisa se aproximava.

As nuvens.

Sim... de algum modo elas sabiam. Provavelmente, a nave havia cochichado em seus ouvidos enquanto as penetrava com ternura, a semelhança de um amante gentil. E, assim, silenciosamente, descia do infinito até as dunas da praia, onde nós a aguardávamos numa espera de milhões de anos. E as nuvens riam e riam de um jeitinho maroto, ronronando de prazer pelos afagos que lhes eram feitos; risos de criança prontamente encobertos pela algazarra branca das ondas. Ora, poderiam ao menos ter confidenciado para mim o seu segredo, afinal, não éramos todas mulheres de uma certa maneira? Poderiam ter dito o que estava prestes a acontecer.

— Eles estão chegando, *darling*.

— Ai! — gritei sobressaltada. — É o senhor, Dr. Smith?

— *Who else, honey?*

Eu não tinha notado a aproximação do astrônomo-chefe, Dr. Carl Smith. Acercou-se de mim com a sutileza de um urso pardo, e traços fisionômicos não muito diferentes dos de um velho orangotango. João também se assustou, o que pareceu agradar ao americano. O rosto pálido, marcado de rugas e papadas, expressiu um sorriso jocoso; sardas tremeram na flacidez do mar de bochechas.

— Não precisa ter medo, Flor-dos-Trópicos.

— Medo do senhor? — indaguei, fingindo inocência.

— Não, *darling*, deles. — Voltou momentaneamente os olhos para a luz. — Em breve estaremos comemorando todos juntos.

Meu amigo angolano interveio.

— Não haverá tempo para comemorações, Dr...

— Quem sabe poderíamos até dançar um samba?

Fiquei mais irritada com Dr. Smith por ignorar completamente João do que por suas palavras. Aquele gringo sulista prepotente era uma pedra no sapato. Eu o conhecia tempo suficiente para adivinhar seus passos seguintes e, assim, pude me desviar a tempo de sua mão peluda quando tentou me apalpar. Se o velho primata soubesse o quanto me dava náuseas... Não que eu não tivesse deixado isso claro em mais de uma oportunidade, mas ele se fazia de besta. Ele era uma besta, melhor dizendo. E só não me mandou embora da Comissão de Pesquisa Extraterrestre por eu ser uma espécie exótica para si — ou talvez tivesse receio de que eu o denunciasses. Como conseguira o posto de chefia da equipe era um dos enigmas para os quais eu nunca obteria resposta.

— Sim, Dr. Smith — falei baixinho —, lá vêm eles. É uma ocasião de fato especial, muito séria para todos nós, toda a humanidade. Deveria estar acima de qualquer frivolidade ou sinais de idiotice, não concorda?

O sorriso hediondo morreu instantaneamente e, percebendo que aquilo seria o máximo que conseguiria de mim, voltou sua frustração para o meu acompanhante.

— O que é que está olhando, seu ne... Não tem o que fazer, *asshole*? Bah! — Virou-se e caminhou em passadas pesadas para um grupo de colegas europeus.

O punho do astrônomo-assistente continuou cerrado por um longo tempo antes de, finalmente, relaxar. Baixou, então, o olhar para mim e procurou sorrir como a pedir desculpa.

— Um dia esse texano imbecil irá longe demais, Cristina.

— Esqueça-o, João — disse, tocando-o no braço. — Ele não tem qualquer importância diante daquilo, diante deles. Aliás, não tem importância alguma!

— Tem razão.

A luz azulada estava bem próxima agora, agitando as nuvens num soprar de velas. Era um círculo enorme, de contornos difusos, a cobrir boa parte do céu.

Reparei nos pelos de meus braços. Eles se eriçaram, os cabelos também, repletos de eletricidade estática. Pairava ao nosso redor. Podia-se farejá-la. Faíscas brotaram das pontas de nossos dedos.

Jurgen praguejou a minha esquerda na sua língua nativa.

— *Scheiße!*

Deu uns tapinhas na filmadora, todavia, ela relutou em voltar a funcionar. Dr. Ching, igualmente, passou a ter problemas com seu equipamento, educado demais para praguejar. Outros mais afortunados prosseguiram, tirando uma foto atrás da outra.

— O cheiro! Sintam o cheiro! — gritou Miura.

— É ozônio? — indagou um norueguês, psicólogo da equipe.

— Não. Está me parecendo enxofre.

— Enxofre, Claude?

— Sim.

— Cheiro do quê? — gritou alguém.

— O magnetômetro, ligue-o, Yuri.

— Estou tentando. Emperrou.

"Babacas", censurei, inalando a brisa repentina a jogar meus cabelos para trás. Havia um aroma estranho, misterioso, alienígena e ele penetrava além dos pulmões, preenchendo todos os espaços internos de nosso ser. Nem ozônio, nem enxofre, nem qualquer coisa classificável. Aquilo era o perfume de estrelas geradas no interior de nebulosas, era a fragrância dos prados negros do vácuo interestelar, era o odor de pneu quente e gasto pelas estradas de meteoros.

Era... maravilhoso!

Tive o súbito desejo de ficar sozinha na praia, livre de todos aqueles cientistas sisudos. Somente eu e aqueles seres, fossem como fossem; somente o oceano, o vento e as nuvens. Afastei-me de João e do grupo. O vento estava cada vez mais forte e jogava os meus cabelos sobre os olhos, atrapalhando a observação. Havia retirado os sapatos e as

meias, tão inadequados naquele cenário. O contato dos pés na areia morna era extremamente agradável, dando-me uma sensação de segurança, de firmeza, uma ligação mais íntima com a terra como se sua solidez pudesse dar rigidez ao meu cérebro a girar.

O primeiro contato.

Como transcrever em palavras todas as emoções que, naqueles segundos cruciais, apossaram-se do meu corpo?

— O que aconteceu? — perguntou João vindo ao meu encalço. — Estás a passar mal?

— Nada demais. Estou ótima.

— Tu não vais chamar a Mara?

— Sim, sim, imediatamente.

Mara ou Monitor Alienígena de Rádio Astronomia era um dos principais computadores da Comissão, e o meu orgulho maior. Fora eu quem desenvolvera a maior parte de seus programas de transmissão de dados, recepção, localização e interpretação de possíveis sinais artificiais provenientes do Cosmo. E fora eu igualmente quem tivera a perspicácia de lhe dar uma personalidade feminina. O machismo predominante não reclamara, exceto por uma certa falta de objetividade dela. Que se danassem! Para mim, ela amenizara um pouco a solidão de uma companhia irmã, feminina. Mara estava em contato direto com os satélites ligados ao radiotelescópio da cratera Bradbury em Marte. E, entre todos os instrumentos espalhados pelo Sistema Solar, fora ela, minha Mara, quem conseguira se comunicar com outra forma de vida inteligente oriunda de alguma parte além da Nuvem de Oort, conhecido berço de cometas.

— Mara, está tudo bem? — indaguei através do comunicador de pulso.

Depois de muitos chiados de estática, ela me respondeu toda contente num afinado português paulistano:

— Oi, Cris. Tudo correndo às mil maravilhas. Você viu só? Eu não te disse que eles viriam?

— É, criança, você acertou direitinho. — Não pude deixar de rir ao ouvir aquela voz melodiosa toda cheia de ansiedade e alegria. — Continua em contato com eles?

— Oh, sem dúvida, apesar da excessiva interferência eletromagnética. Eles acabaram de fazer os cumprimentos de praxe.

João franziu a testa. Perguntou:

— O que seriam esses "cumprimentos de praxe", Cris?

— Não faço a mínima ideia.

— Por Shiva, o que está acontecendo? — esbravejou Ghandi, o engenheiro eletrônico indiano. — A máquina não poderia se expressar em inglês?

Os outros cientistas haviam se aproximado e todos concordaram. Mara ficou confusa por ouvir tantas vozes diferentes, mas tão logo eles se calaram, fiz o pedido a ela, que passou a falar num sotaque caipira do sul dos Estados Unidos. Dr. Smith ruborizou, porém nada disse a respeito. Mara sabia ser piadista quando queria. Repetiu as últimas informações que me dera, acrescentando dados métricos sobre a astronave e os fenômenos que estava provocando. Vassiliev ia comentar qualquer coisa, entretanto, uma cotovelada do braço biônico de Ghandi o fez se calar.

Mara prosseguiu:

— Eles estão prontos para travar diálogo regular com a espécie inteligente predominante na Terra. A princípio ficaram bastante preocupados.

— Preocupados? — perguntei.

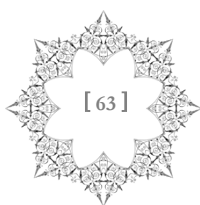
— Isso mesmo, mamãe.

Suei frio. Gostaria que ela não tivesse usado em público o apelido que me dera. Além de mim, somente João sabia até então. Mas era tarde demais. Dr. Smith soltou uma risadinha estúpida, e vi que armazenou a informação para um possível uso posterior.

— Continue, Mara — pedi.

— Certo. Eles se mostraram apreensivos com os níveis de poluição detectados na Terra, assim como a destruição progressiva da camada de ozônio. As informações que lhes enviei da biologia terrestre, particularmente a humana, revelaram-se incompatíveis em relação as conseqüências dos danos causados ao planeta, e isso os deixou confusos.

CONTINUA





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

À PROCURA DA INTELIGÊNCIA (PARTE III)

POR ROBERTO SCHIMA

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com a revista LiteraLivre. Participou de trezentas e oitenta e seis antologias. Escreveu: "Pequenas Portas do Eu", "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc.

E-mail: schimaroberto@gmail.com

A luz avançou sobre o mar e estacionou diretamente sobre nossas cabeças. Apesar da altitude, era enorme e poderia facilmente envolver a ilha em que nos encontrávamos. O vento convertera-se em vendaval e fustigava as dunas e a floresta, provocando redemoinhos em vários pontos. O mar se encrespava, antecipando a maré alta. Uma após a outra, ondas altas se chocavam contra os corais num ininterrupto borrifar de espuma.

— E daí? — questionou uma voz que não pude identificar. Olhei furiosa ao redor.

— O que foi que disse, Cris?

— Nada não, Mara, prossiga.

— Bom, eles fizeram uma reunião. Decidiram levar somente um representante da espécie inteligente predominante na Terra para ir com eles parlamentar.

— Somente um?

— Isso mesmo, Cris. Posteriormente, mais familiarizados com o modo de pensar e agir dos terrestres, contactarão a humanidade em escala mundial.

Houve uma série de discussões paralelas.

— *Lächerlich!*

— *Nepriyemlemo!*

— *そんなはずはない!*

— *Det stemmer ikke!*

— *Et qui d'entre nous sera choisi?*

— Como assim, só um de nós? E quem irá?

— O americano com certeza. Não é, porco capitalista?

Dr. Smith pestanejou:

— O que é que há, Yuri. Eu não falei nada.

— E nem comece, *tovarishch*. Conheço sua gente.

— E eu conheço a sua.

— *Merde!* A França tem prioridade...

— Prioridade! Que raios de 'prioridade', Claude?

— Com licença, o Japão reclama sua parte na...

— Ora, vá reclamar noutra freguesia, Miura.

— E quanto à Finlândia...

As discussões paralelas prosseguiram numa babel de vozes. Cada qual pleiteava sua fatia do bolo, principalmente os representantes das nações mais adiantadas. O microcosmo da discórdia expôs a complexidade das relações humanas.

Mara queixou-se de dor no ouvido:

— Aaaiii! O que está acontecendo?

Vi-me obrigada a pronunciar algumas obscenidades em meu próprio idioma que, se não tiveram seus significados compreendidos, ao menos o tom de minha voz foi bem interpretado. Creio que somente João entendeu, e, a ele, lancei um olhar pedindo perdão. Os outros se calaram. Tinha um cientista italiano no grupo, Dr. Bardi. Supus com 70% de probabilidade que ele também conseguira decifrar os palavrões, afinal, as raízes eram as mesmas; seu rosto, porém, não demonstrou. Ignorei a todos e tornei a me dirigir a Mara.

— E eles têm alguma preferência por qual de nós levar, ou preferem que a gente mesmo escolha?

"Talvez no palitinho", pensei sem conseguir evitar.

Houve um silêncio angustiante por parte dela. Sons estridentes partiram do comunicador, estática e mais estática a percorrer diferentes comprimentos de onda. As lamúrias da ventania e o rufar das ondas contribuíram para alimentar àquela orquestra surrealista.

Trocamos olhares. No rosto de cada um, sentimentos diversos tomavam forma: constrangimento, ambição, mesquinhez, orgulho, dúvida, cobiça, ambição, humildade, fascínio, esperança, medo. Éramos um modelo da espécie humana naquilo que de bom e de ruim tínhamos para exibir, de ético e antiético, e todas as contradições que nos cercavam, incluindo as barreiras culturais e raciais. Não éramos em absoluto o que de melhor o *Homo sapiens sapiens* possuía, e, em parte por causa disso, talvez fosse um bom começo. Ao menos os extraterrestres teriam uma visão "honesta" de nós.

Quando o silêncio de Mara se tornou insuportável para todos, repeti a pergunta. Por fim, em meio aos chiados de estática que iam e vinham qual as ondas do mar, ela falou. Hesitou no início, e isso me fez franzir o cenho. Sussurrou, então, a histórica e solene frase que marcaria nossas almas para sempre:

— Eles já escolheram.

Repentinamente, o vendaval castigou nossos corpos numa fúria fria, úmida e amedrontadora. A areia feriu nossos olhos. O mar se ergueu em volta sob a influência do Moisés das estrelas. A folhagem dos coqueirais mais próximos foi arrancada. Os galhos

das árvores se partiram. Relâmpagos pipocaram no céu, seguidos de trovões. A eletricidade fez nossos cabelos repelirem os fios entre si, transformando-nos em espantalhos assustadores e assustados.

— Meu braço! — queixou-se Ghandi. O membro artificial agitou-se a semelhança de um peixe fora d'água.

— *My goddess!* — berrou o arrogante Dr. Carl Smith.

Virei-me na direção de seu olhar.

No zênite, o céu enlouquecera. Nuvens se misturavam numa completa fusão de cores sinistras. Massas gasosas de diferentes tonalidades ora se inflavam e ora se comprimiam. Rodopiavam seus véus feito um furacão, produzindo um gemido jamais ouvido por qualquer ser humano, como se uma legião de demônios torturados lamentassem em coro sua sorte. Beirando o "olho" do furacão, redemoinhos menores dançavam ao redor, deixando rastros irregulares a sua passagem. Foi nesse instante, quando eu me encontrava hipnotizada pelas pequenas dançarinas, que a coisa apareceu.

O firmamento se rasgou bem ao meio. Descargas elétricas se espalharam por toda parte. A astronave emergiu por completo em todo o seu esplendor. Fez-me pensar num cristal lapidado que vira uma vez no bairro oriental da Liberdade, numa dessas lojas de quinquilharias. Não obstante, a constituição do colossal veículo pareceu ser porosa, leve feito uma bolha de sabão. Seu formato era o de um icosaedro de dimensões inconcebíveis, envolto por aquela luminosidade azul que se tornara quase ofuscante. Fui tomada por um inusitado pressentimento, enquanto procurava, apesar da luz, distinguir detalhes da superfície do objeto, seguir seus contornos. Intuição feminina quem sabe. Minha mente afastou o pensamento que surgira a todo custo, não suportando sequer admitir a hipótese de ser verdadeiro. Não podia ser... Simplesmente era impossível! Avistei uma rede de relevos geométricos numa complexidade análoga a de circuitos integrados ou de modelos moleculares.

— Inacreditável! — exclamou João, segurando-me.

— Vai nos esmagar! — gritou Jorgen, apavorado dentro de seu corpo taurino, e, no momento, inútil.

— *My goddess... My God!* — repetiu o Dr. Smith feito um disco riscado. Finalmente, por trás do medo, pude ler em suas faces de símio um sentimento genuinamente humano: o terror perante um poder incomensuravelmente maior do que ele nunca teria em toda a sua miserável vida.

Yuri Vassiliev caíra e estava sendo amparado dentro do possível pelo cientista italiano e o francês.

Os outros tentavam manter o equilíbrio conforme possível. Todos soltavam frases entrecortadas, denunciando admiração e assombro. Era simplesmente inacreditável.

A coisa principiou a pulsar feito uma sépia, compondo estranhos e sucessivos conjuntos de cores e matizes em movimento.

Meu pressentimento ganhou densidade. Não saberia dizer o porquê de ter adivinhado aquilo, mas estava tão aferrado dentro de mim quanto qualquer outra certeza inquestionável que eu guardasse no peito. Não estávamos fitando uma espaçonave. Aquilo, quer acreditássemos ou não, não se constituía na astronave dos alienígenas. Não, não mesmo. Aquilo era o próprio alienígena! Uma criatura descomunal de mais de dez quilômetros de diâmetro, capaz de sobreviver ao frio do espaço e por ele navegar a espantosas velocidades. E, agora, correndo o risco de errar feio, uma voz sussurrou na minha cabeça que o ser gigantesco acima de nós tinha a sua origem não em um mundo além da Nuvem de Oort, porém no interior da própria Nuvem de Oort, mimetizado entre os proto-cometas.

As ondas de sucção sugavam o ar de nossos pulmões. Fiquei tonta. A última coisa que vi antes de desmaiar foi uma fenda se abrir no meio da coisa e uma esfera branca sair de dentro dela, descendo diretamente sobre todos nós, e, talvez, sobre a ilha inteira. Aumentou e aumentou de tamanho até meu cérebro se apagar nos segundos finais.

Não sei quanto tempo permaneci desacordada. Quando recuperei à consciência, vi que os outros membros da equipe também tinham desmaiado. Minhas roupas estavam úmidas por causa da garoa que caía. Miura ajudou-me a levantar, porém, ele demonstrava estar mais zozinho do que eu.

— Está tudo bem, Miura-san?

— *Hai!* Tudo no lugar, espero.

— E os outros?

— Dr. Smith ainda está desmaiado — apontou. — Dr. Jean Claude, Dr. Ghandi, Dr. Bardi e Dr. Jurgen estão lá reunidos. Os outros procuram por algum vestígio do visitante.

— Aquela nave...

— Nós sabemos.

— Sabem o quê?

— Que não era uma espaçonave, mas a própria criatura, *neh?*

— Como poderiam saber?

— Todos nós sentimos, doutora. Primeiramente acreditamos ser uma coincidência, mas depois do quarto caso de "percepção" começamos a supor ter ocorrido uma tentativa de contato coletivo a nível mental por parte do ser.

Eu não me sentia capaz de raciocinar em cima desse novo dado. Um zumbido ecoava na minha mente à semelhança de um enxame de abelhas. Não obstante...

— Ele veio da Nuvem de Oort — arrisquei.

Os olhos puxados se comprimiram mais, transformando-se num par de fendas.

— Sabemos disso também. Eu tive alucinações antes de desfalecer. Vi agrupamentos dessas criaturas gigantes vivendo no interior de blocos de gelo. Flutuavam ao redor do Sistema Solar muito além de Plutão.

— E os outros viram isso? Eu não me lembro...

— Viram sim. Apenas Dr. Ching não se recorda.

Tentei me lembrar se vira algo, mas não podia afirmar com certeza, além daquela intuição. Tudo o que me vinha à mente era a bola branca saindo de dentro da coisa.

O pensamento foi interrompido pelo engenheiro indiano. Veio correndo ao nosso encontro. Trazia um semblante preocupado no rosto magro e moreno.

— Está tudo *ok* com vocês?

Confirmamos com a cabeça simultaneamente.

— Seu amigo desapareceu, Dra. Cristina.

O cientista japonês fez cara feia.

— Dr. Ghandi! Eu pretendia contar.

— Oh, perdoe-me, Dr. Miura — lamentou, afastando-se em seguida.

Senti um frio repentino no estômago.

— João? — indaguei.

— Sim, doutora. Procurei pelas dunas e na praia...

— João! — gritei, deixando o oriental falando sozinho. Corri, passando entre o norueguês e um inglês cujos nomes não me lembrava. — João!

Procurei e procurei, aflita. Percorri a orla da praia em ambos os lados, até onde os recifes permitiam. Foi em vão. Depois, ofegante, levantei a cabeça na direção do céu, recebendo no rosto as gotículas frias da garoa. As nuvens retornaram a calma inicial e um cinzento suave predominava no cenário polinésio. Não se via mais sinal da luz azulada e

nem da titânica criatura. O rastro nebuloso se apagara, levando consigo o perfume das estrelas... e meu querido amigo africano.

— João! — gritei uma última vez do alto de um rochedo, como se pudesse romper a barreira entre os astros. Em resposta, a chuva que até então se escondera surgiu, substituindo a garoa e lavando minhas faces. Sentei-me. Abracei minhas pernas, escondi o rosto entre os joelhos, fechei os olhos e chorei em silêncio.

Todos aqueles homens de diferentes países da Terra principiaram a voltar para o acampamento, situado na orla da floresta. Deixei que seguissem e pude ficar a sós do jeito que desejara. Não tinha mais certeza se era essa a minha vontade. A solidão doía dentro de mim, mesmo sabendo que João merecia a honra de descobrir os enigmas do Universo. Fiquei a relembrar nosso primeiro encontro numa dessas entediantes conferências de Astronomia. A troca de números de telefone. O jantar. A amizade convertida em paixão e esta se apagando em algo um pouco acima da simples amizade. O calor de seu corpo sobre o meu. O som de sua risada...

Suspirei.

As ondas quebravam a minha frente, calmas, monótonas.

— Mara, você está aí? — perguntei, buscando o consolo de uma voz amiga. Só escutei estática.

CONTINUA





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

À PROCURA DA INTELIGÊNCIA (PARTE IV)

POR ROBERTO SCHIMA

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com a revista LiteraLivre. Participou de trezentas e oitenta e seis antologias. Escreveu: "Pequenas Portas do Eu", "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc.

E-mail: schimaroberto@gmail.com

Enxuguei o rosto da melhor maneira e refiz o caminho. A chuva encharcava meu corpo, todavia, não me importei. Na linha divisória entre a areia e a água, agachei e assim deixei-me ficar, observando sem ver as espumas brancas que faziam o possível para alcançar meus pés.

Nem percebi a aproximação.

O toque em meu ombro.

Voltei-me.

— João!

Qual não foi minha felicidade ao ver o rosto familiar e sorridente, as duas fileiras de dentes perfeitos, o olhar sincero e preocupado. Abracei-me a ele feito uma menina assustada, carente, buscando por abrigo. Nada mais queria, exceto o contato de seu corpo e seu calor.

— Como? Eu supus que você... Eu supus...

— Eu sei o que tu pensastes, Cristina. Desculpe se te deixei aflita com minha ausência.

— Aonde você foi?

— Fui o primeiro a despertar. Sacudi a ti e aos outros, mas não consegui acordá-los. Decidi, então, ir na barraca buscar um estojo de primeiros socorros. Estava tudo bagunçado por causa do vendaval. Quando descobri o estojo, vi não ser mais necessário.

— Não me escutou te chamar?

— Escutei. Por isso estou aqui. Queria vir mais depressa, entretanto eu es...

Calei-o com um beijo. O que mais poderia fazer?

Seu abraço foi forte, igualmente sedento, rico de promessas e de um passado reavivado. Um par de mãos experientes buscaram os vãos de meu corpo, aquecendo-o.

Quando nos afastamos, a tristeza tinha partido de meu rosto, substituída pelo desejo. Não fosse pelos outros, eu teria feito amor com João ali, naquele instante, sob a chuva na praia de um paraíso tropical.

— O Dia E terminou — sussurrei no seu ouvido.

— Não sei não, minha rapariga.

— Como assim?

— Bem, não sei como te dizer isso. Não queria deixá-la melancólica novamente.

Falou isso brandamente, enquanto acariciava meus cabelos.

— Diga de uma vez! — exclamei, impaciente.

— Assim seja: Mara desapareceu. Passei pelo CPD e não a encontrei. Cheguei a pensar que... Ei! Do que é que estás a rir?

— Eu não acredito, João... Eu não acredito... — balbuciei em meio às gargalhadas que não conseguia controlar. Deixei que ele me fitasse como quem tivesse descoberto que sua melhor amiga se transformara numa doida varrida. Só muito tempo depois, já a caminho do laboratório improvisado e dos membros da Comissão de Pesquisa Extraterrestre, eu pude explicar:

— Não percebe o lado irônico disso, meu querido?

— Não sei se entendo.

— Eles — ou ele — vieram de muito longe à procura daquilo que Mara classificou como sendo a "espécie inteligente predominante na Terra"... e a levaram.

— Oh!... Creio estar a compreender.

— De todos os bilhões de homens no planeta, escolheram um produto da informática de quinta geração, um conjunto de instrumentos e periféricos à base de fibras ópticas. Eu adoraria debochar da cara do ignóbil Dr. Smith. Principalmente porque o alienígena levou não uma máquina e nem um homem, mas... uma "mulher"!

O astrônomo-assistente desatou a rir.

— Terá esse oportunidade em breve — acrescentou.

Prosseguimos a andar, abraçados.

No alto de uma duna, parei, e, por um momento, pus-me a escutar... Sim, vinha de lá de cima, para além da chuva que caía.

— Está ouvindo?

— O que? As ondas?

— Não — respondi. — As nuvens... Estão zombando de nós.

Ele não entendeu, embora pedisse explicações. Horas depois, esqueceu-se completamente disso a medida em que nos amávamos em sua barraca, naquela pequena ilha perdida dos Mares do Sul.

Do céu carregado de nuvens, a chuva caiu, caiu e caiu até de madrugada. Receio que pranteavam a súbita partida do inacreditável visitante.

Ah, as nuvens... Elas sabiam tanto!

Anoiteceu, prezado diário.

Os dias têm terminado rápido por estas bandas.

Uma lâmpada lá de fora ilumina o jardim, todavia, o faz de um jeito sutil, realçando seus contornos e suas sombras, ao invés de expor as formas das plantas. Mal percebo o vulto da quaresmeira mais adiante.

Ainda sinto a fragrância úmida da brisa. Isso, somado ao céu estrelado, evoca-me uma série de memórias.

Três anos se passaram.

Depois do primeiro ano após o contato, e diante do escárnio da imprensa, a equipe foi desmantelada e cada qual retornou ao seu país, temendo por sua reputação.

Pelo menos tive a satisfação de ver João esmurrar o nariz bulboso daquele americano metido à besta, antes que este concluísse um último insulto.

Fiquei com João durante alguns meses em Angola. Trabalhamos juntos na Universidade Republicana de Malange, e, posteriormente, num instituto científico em Cazombo. Eu bem que tentei, mas a saudade de meu país foi maior. Tampouco João queria se separar de sua gente e de seu trabalho. Sentindo muito pesar, separamo-nos em Luanda. Fizemos muitas promessas um para o outro, porém, boa porção delas ficaram entregues ao vento.

Eu reassumi meu posto de professora de inteligência artificial na Faculdade Itinguçu, aqui na Vila Ré. Até que é uma boa escola para os padrões brasileiros, embora os sucessivos governos insistam em cancelar verbas ou apenas ignorar o valor do ensino no país. Situa-se no meio-leste de São Paulo, Rua São Serapião, nas proximidades da estação Patriarca do metrô. Se não for o ideal, é ao menos um bom trabalho.

Entretanto, querido diário, conforme escrevi logo no início, algo ocorreu recentemente. Antigos fantasmas se levantam de suas tumbas e passaram a gemer e arrastar correntes. Desta vez, acho que o mundo abandonará o escárnio e nos mirará sob uma perspectiva diferente.

Os radares já confirmaram.

Estou vendo que terei de requisitar nova licença e — tremo só de pensar —, breve, deverei me reencontrar com o meu ex-amante africano. Infelizmente, não será tão prazeroso quanto antes, pois, em nosso último contato, ele me mandou uma foto sua e de sua jovem esposa grávida... É a vida, suponho.

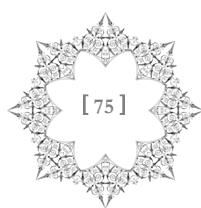
O fato é que recebi através do videofone uma chamada que nem esperava mais. Toda encoberta pela estática e vinda das profundezas negras do céu, emergiu a voz travessa, animada e encoberta pela emoção:

— Ei, mamãe, estou voltando. Tenho uma porção de novidades para contar pra você!

E Deus bem sabe como nós, mulheres, adoramos fofocar...

NOTA DO AUTOR:

Este conto foi escrito em 21.11.1989, reescrito e ampliado no início de 1994. Publicado originalmente no fanzine "Somnium" nº 46, agosto/1990, do Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC). Faz parte da antologia solo "Limbographia" (Clube de Autores, 2013). Foi novamente revisado na primeira quinzena de agosto de 2024 e 20.07.2025.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

ENTÃO VAMOS
POR SELMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.

Está bem! Vamos de férias. Para a lua, ok?

— Não! Respondeu Ana. E acrescentou: desta vez, eu quero ir para Marte.

E se conseguir um estágio-emprego lá, para o qual eu me inscrevi, só volto também numas férias.

A vida dos humanos agora, triangulada entre Terra, Marte e Lua.

Se o trabalho é num, férias em um dos outros.

Certo, estou nessa - responde a mãe!

Mas o seu estágio-trabalho terá que ser nota 10 por um longo período. Com certeza por pelo menos um ano, senão, sem viagens de férias para fora do nosso mundinho.

Nota de rodapé: Os fatos narrados são obras de mera ficção.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

FUTURO DO FUTURO

POR SELMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.

— Are, olhe com este telescópio. Cada vez que o observamos, mais azulado está — como este nosso planeta, quando os nossos fundadores chegaram.

— É verdade, Lareta. Temos estudado e projetado tudo isso, desde que aqui chegamos há milhares de anos. E agora, podemos dar mais um passo.

É mas, termos saído do nosso sistema planetário em várias naves em várias direções e só uma ter chegado até aqui, prova a imensidão do todo e a procura por soluções sólidas para o nosso povo.

Are e Lareta estavam recapitulando a sua história desde há centenas de milhares de anos. A nave que trouxe os seus antepassados, apesar de gigantesca, serviu de abrigo por longo tempo, enquanto duravam as análises e estudos da atmosfera, superfície e do solo e, dado as condições então frágeis, também durante o período da construção de estruturas subterrâneas, longe das áreas potencialmente vulcânicas, as quais se tornaram complexos habitacionais, gradativamente rodeados por outros — de apoio e assistência geral. O trabalho envolveu grande parte da robótica trazida.

Mas os então "conquistadores" do planeta não foram suficientes para criar uma civilização global e ainda não o são para uma expansão para outro sistema. A necessária expansão teria que ultrapassar os limites impostos por vários parâmetros, incluindo o fato deste planeta, agora ocupado, não ser grande e estável o bastante para garantir um futuro por tempo indeterminado. O planejamento é a chave do sucesso e garantia de sobrevivência.

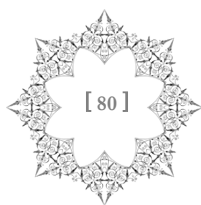
Mas aquele mundo azulado, está ficando mais frio e as suas dimensões e características são tentadoras para um futuro não muito distante.

Por agora, os habitantes do planeta avermelhado (vermelha é a cor que o planeta está tomando pela aridez e excesso de componentes ferrosos) entendem que ainda não têm nem material nem autômatos suficientes para fabricar naves capazes de um deslocamento seguro e mudança para o planeta azul.

Era assim, no planeta vermelho, Marte. Aqueles humanoides chegaram lá quando a Terra estava saindo do seu inferno primordial.

Muito avançados tecnologicamente, mas limitados pelas circunstâncias e local, estavam ali presenciando o início do declínio das suas condições planetárias, mas se preparando para o avançar para a Terra.

Nota de rodapé: Os fatos narrados são obras de mera ficção.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

MÃE E FILHA

POR SELLMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Vimos de lá.

E podemos voltar.

O trabalho será longo, desgastante em energia e investimento.

Mas, não há solução melhor ou mais fácil.

A Terra vai caminhar para uma fase sem volta por causa do aquecimento solar contínuo.

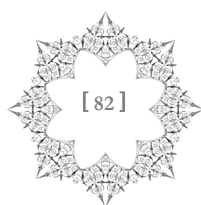
Temos que planejar e nos preparar para o futuro.

Só assim para a humanidade e seus afins (plantas e animais para o seu sustento físico — alimentar — e psicológico — emocional) serem salvos.

De Marte, viemos num passado remoto.

Para Marte, voltaremos.

Nota de rodapé: Os fatos narrados são obras de mera ficção.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

POR FAZER ACONTECER
POR SELLMA LUANNY

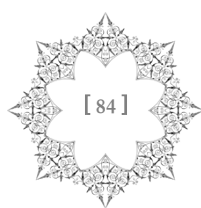
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Notícias, imagens... testemunhos
das crueldades... à vista de todos.
E a sensibilidade? Diminuindo?
Ou sempre foi assim e não sabíamos?!

Barbaridades não parecem ter fim...
Com "virtualização" — só abrir o celular
ou a televisão — lá está... inacreditável...
Provocam até enjoos!

No andar da humanidade "de ponta
à cabeça", como diminuir o sofrimento
dos inocentes... que à deriva nem têm
noção do porquê da desumanidade?!

O não justificável!... Excessos dos
que não enxergam os próprios pés.
E o espelho... um dia há de quebrar...
e os pedaços... "pela culatra".





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A DÉCIMA PRAGA **POR SHEILA SACKS**

Jornalista formada pela PUC/RJ. Trabalhou em Assessoria de Comunicação no serviço público de 1982 a 2024. É autora do blog Viajantes do Tempo -Voyagers (<https://sheilasacks.blogspot.com>) com mais de 200 textos de pesquisa a partir de notícias e datas que impactam as sociedades.

Izar consulta o relógio que emite vibrações de emergência vindas da nave-laboratório. Percebe que o início da madrugada está atrasado e as luzes noturnas permanecem acesas contrariando os protocolos. Há uma década o tenente Izar cumpre as tarefas que seu posto exige como exterminador de vírus mortais.

Ele é a quinquagésima geração da espécie, significando que os pelotões anteriores foram extintos. No final do século 21 e nas primeiras décadas do século 22, uma sucessão de doenças infecciosas reduziu para um terço a população da terra e as cidades a céu aberto tiveram de ser substituídas por conglomerados abrigados sob imensas redomas de vidro blindado.

De compleição franzina, Izar se esforçou mais que a maioria dos meninos de sua idade para ganhar massa muscular e entrar nos padrões exigidos. Pelo regulamento das cidades caberia ao primogênito a missão de proteger o planeta das pandemias fatais. Ao nascer foi levado à nave-mãe e integrado à corporação, a quem caberia prover a família de toda a assistência.

Era a segunda visita à nave-laboratório. Na primeira vez, após uma bateria de exames, os supervisores encontraram alterações relevantes em seu organismo face ao exaustivo combate aos gafanhotos agigantados pelo vírus. Em tempos anteriores, peixes infectados tingiram os rios de sangue e cães, gatos e rãs sucumbiram contaminados. De alguma forma houve um contágio e era preciso fazer a correção. Foi o primeiro contato de Izar com o soro produzido com o sangue transmutado de uma serpente marinha descoberta nas profundezas de uma caverna oceânica.

Durante horas o líquido verde limpou suas veias e artérias enquanto o uniforme era incinerado. A quarentena exigiu um tempo de observação no interior da nave. Izar então percebeu um tom levemente esverdeado manchando as suas pernas. Uma semana depois, a cor havia se consolidado até a cintura.

O retorno à nave-laboratório já era esperado. Há algum tempo ele vinha sentindo dores de cabeça e dormência nas mãos. — Bem vindo Izar — cumprimentou o supervisor. — Faremos o procedimento e ficará em observação.

Uma semana depois ele pôde observar o efeito do soro. Dessa vez o tom esverdeado atingiu o peito, braços e pescoço. Para o seu desconforto, pequenas erupções

parecendo escamas começaram a brotar a partir dos pés. Ao dormir o sono tornou-se agitado. Uma noite um som agudo de sirene o despertou. Sobressaltado pulou da cama. — Temos uma missão Izar — falou o supervisor abrindo a porta. — Me acompanhe.

No salão oval da nave-comando os Mestres com suas roupas negras rodeavam a mesa de reuniões. No telão as imagens exibiam um sol encoberto por uma monumental massa de detritos de origem desconhecida. — A Terra está às escuras — informou um dos Mestres que parecia ser o mais graduado. — Acionamos as luzes solares nas cidades. Uma emergência por poucos dias — define.

As instruções foram ouvidas com atenção. Izar e mais dois companheiros seriam transportados até aos primórdios do século 21, antes da humanidade ser infectada pelo vírus sars-cov-2. De imediato iriam escanear as características básicas do sol e tentar reconstituir os elementos de força do astro. — A diminuição da potência do sol é um alerta que não podemos ignorar — reforçou o Mestre do lado esquerdo da mesa.

De volta à cabine, um dos companheiros parecia agitado. Logo faz uma revelação abrupta. — Depois das trevas virá a morte dos primogênitos. Respira fundo antes de continuar. — A escuridão planetária está classificada como a nona das dez pragas milenares nos vaticínios do Mestre dos Oráculos.

Izar ouve calado. O Mestre dos Oráculos era a mais recente e poderosa geração de Inteligência Artificial. Descrita como capaz de moldar o futuro e mudar o passado. Observa que os dois homens se afastam e conversam em voz baixa. Mais uma vez Izar é arrastado para o recorrente sentimento de que o planeta caminha para o abismo. Desde a segunda transfusão ele tem pesadelos com sua aparência e questiona intimamente a própria condição humana.

O sol ainda brilha intenso quando Izar sobe à superfície do lago. Os últimos dias tinham sido inquietantes em seus preparativos. Ele e os dois companheiros embarcaram na nave ajustada por sensores ligados ao Mestre dos Oráculos. A chegada à caverna foi tranquila. Ao descerem da nave escalaram a pequena colina e se extasiaram com o cenário. O céu azul, as pequenas nuvens parecendo flocos de neve, a brisa ondulando as copas das árvores e o sol luxuriante iluminando a terra.

Logo iniciam o trabalho com os sofisticados instrumentos. Depois de uma série de testes escolhem o padrão mais ajustável e enviam. Alguns minutos depois, do outro lado do tempo, vem a esperada resposta. Exultantes se abraçam. — Missão cumprida. Hora de retornar — conclama o mais jovem, fechando a maleta. Cuidadoso, Izar espera os companheiros iniciarem o retorno à caverna. Em seguida, arranca o rastreador da roupa, dá meia volta e corre em direção ao lago. Um verdejante bosque o ajuda a se manter escondido até o anoitecer.

Sentindo-se a salvo mergulha no lago e para seu espanto a água está morna e cristalina. Uma sensação de bem estar invade seu corpo e Izar percebe que pode respirar normalmente sem precisar subir à superfície. Observa os peixes e os outros animais da fauna aquática que se locomovem ignorando a sua presença. Vai descendo até o fundo do lago e retira as últimas peças de roupa. Sente fome e ingere alguns moluscos e plantas. Por horas se mantém extasiado com a beleza das cores, o silêncio e a magia de deslizar pela fluidez das águas.

Na manhã seguinte, da superfície acompanha encantado o nascer do sol e sua trajetória até o início do entardecer. O céu se pinta de tons róseos e Izar decide sair do lago e andar pela trilha margeada por ciprestes. Repentinamente, gritos vindos de uma várzea onde famílias acampavam o deixam sobressaltado. — Santa Maria mãe de Deus! É o monstro do lago! Chegam aqui, depressa! — berra a mulher, em cadência. Um homem e duas crianças saem do trailer procurando ao redor. — No meio do lago! — aponta a mulher.

Izar submerge assustado e espera a noite para voltar à superfície. Quando vagarosamente eleva a cabeça da água uma lua redonda e branca parece centralizada sobre o lago. Olha os arredores e a quietude é visível, apenas ouve um vago farfalhar de folhagens e sons distantes de animais noturnos.

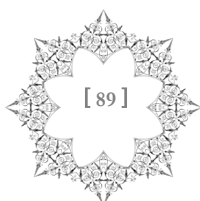
Ao sair da água ele sente as pernas travadas. A lua projeta a estranha imagem de um ser híbrido. A cabeça pequena e achatada sobre um corpo de réptil, meio serpente, meio lagarto. Rasteja pelo chão e desiste. Sua pele está áspera, de um verde escuro rajado, e escamas haviam tomado todo o corpo.

Com a chegada do outono Izar vê as famílias deixarem o acampamento. No inverno, com o lago congelado, ele se recolhe às águas profundas. De estação em estação sente a consciência humana se dissipando. Breve, tudo que outrora importava cairá no esquecimento. O fundo do lago é a sua casa e a curiosidade em relação às pessoas está findando. Ao contrário do instinto de sobrevivência, cada vez mais pulsante.

A poucos passos da inconsciência infinita, Izar, a serpente do lago, vive em total consonância com a natureza do universo insondável. Um universo igualmente indomável, capaz de ignorar a ciência, mudar perspectivas e inverter sonhos. Os dois companheiros de Izar, perdidos em uma galáxia obscura, a bilhões de quilômetros-luz, lutam para sobreviver enquanto aguardam o prometido resgate que provavelmente não virá.

Incansáveis, os cientistas processam os dados guiados pelo Mestre dos Oráculos. Tentativas se sucedem, mas o sol permanece oculto e a décima praga paira impassível e ameaçadora. À espera da salvação, o planeta Terra enfrenta a escuridão, o medo e a desesperança. Na casa de orações, porém, a prece dos justos já ecoa nos ouvidos divinos e o destino do mundo parece traçado. — Que assim seja — agradece o ancião, em júbilo, ao ver os nascentes raios de sol iluminarem os vitrais do templo. Enfraquecido pelo árduo jejum, auxiliares o ajudam a dar os primeiros passos.

Agora assemelhado a um emaranhado lixo estelar, os Mestres acompanham na nave-comando o desconhecido material se desintegrar no espaço. Pouco a pouco, como se recuperasse de uma intensa batalha, o sol volta a brilhar com a pujança de antes. Na beira do lago, com os chips introduzidos em seus órgãos, Izar se estira no solo úmido, radiante com o frescor da manhã. Como de hábito espera o sol galgar a colina e se fixar no firmamento para encobri-lo de luz e calor. É a hora das imagens e mensagens alcançarem o futuro. A missão Izar, segundo o relatório criptografado do Mestre dos Oráculos, transcorreu conforme o planejado e vai prosseguir com novas ações.



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI